

AUTORES & LIVROS

12-9-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Crs 2,00

N.º 8
Vol. IX

NOTICIA SOBRE FERNÃO CARDIM

Fernão Cardim era português, natural de Viana do Alentejo (Évora), e filho de Gaspar Clemente e D. Inez Cardim. Supõe-se que nasceu na década de 1540 — entre este ano (que é indicado por Vieira) e o de 1548. Entrou para o noviciado em 1565. Em 8 de março de 1583, partiu para o Brasil, acompanhando o governador Manoel Teles Barreto e o visitador Cristóvão de Gouveia.

Foi viagem a Bahia, a Porto Seguro, a Pernambuco, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, a S. Vicente, acompanhando o Padre Cristóvão de Gouveia.

Exerceu a reitoria no Rio, e em 1588 foi eleito procurador da Província do Brasil. Partiu, então, para Roma, onde se demorou três anos. Em 1601 voltou ao Brasil, em companhia do terceiro visitador, João de Madureira. Foi aprisionado por

corsários ingleses, e levado para a Inglaterra. Conseguiu fugir.

Fez então nomeação provincial do Brasil, exercendo esse cargo de 1604 a 1609. Faleceu quando exercia o cargo de reitor do Colégio da Bahia. Foi sepultado em 27 de janeiro de 1625, na aldeia do Espírito Santo (hoje Abrantes).

Tratando deste autor, Capistrano de Abreu diz: "Fernão Cardim não tem de extraordinário, mas recomenda-se à simpatia e no estudo por mais de um aspecto." Parece que o aspecto que mais o impõe ao nosso estudo e à nossa simpatia é essa sua vontade com que ele sabe compreender e sentir os novos ambientes em que vai viver. Sua sensibilidade é rica para apreender o encanto das novas coisas. Sua

curiosidade nada tem de malevolente ou pérfida. Visitando o rude Brasil dos primeiros séculos, acha aqui tudo agradável e sugestivo. E não fina nunca com a imaginação voltada para o velho lar português a sonhar com os dias que lá passava outrora.

Há, certo, uma parte dada à ingenuidade, uns páginas que ele escreveu. Mas, no lado destas, como é ele exímio em apontar certos fragmentos das paisagens e das gentes, com as quais está em contato! Têm-no comparado certos críticos a preceptores de sua obra com Gabriel Soares de Souza. E a verdade é que, se ele não possui aquela largura, aquela multiplicidade de vistas, aquela saber divinatório e enciclopédico de Souza, possui, entretanto, o senso das coisas que são dignas de observação e de meditação.



ASSINATURAS AUTÓGRAFAS

No topo, Luiz da Cunha, Júlio de Andrade, Pedro Doss, Mário de Andrade, Coimbra de Barros, Pedro Rodrigues, Graciliano Reis, Cecília Meireles, Ruy de Carvalho, Artur de Alencar, Joaquim Távora, Mário Bulhão, Edmundo de Melo, Olímpio Costa, José da Fonseca, Pedro Calmon.

Autógrafos de Jesuítas. Vêm-se acima assinaturas de vários variados ilustres que dirigiram a Companhia no Brasil. O último, no cliché, é o de Fernão Cardim. (Da "História da Companhia de Jesus", do padre Serafim Leite).

BIBLIOGRAFIA DE FERNÃO CARDIM

— *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Portugal, pelo P. Fernão Cardim, Ministro do Colégio da Companhia em Évora.* — Lisboa, 1847, in-16, 127 pp. (Edição feita por Varnhagen do manuscrito existente na Biblioteca de Évora.) (Raro.)

— *In Corografia Historica de Melo Morais, Rio, 1869.* Foi reproduzida nessa obra (p. 417 a 457) com o título: *Missões do Padre Fernão Cardim.*

— *In Gramática (Rio, 1881).* Apareceu só a parte referente ao Rio de Janeiro.

— *In Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, 1893.* Apareceu só a parte referente a Pernambuco, anotada por Pereira da Costa.

— *In Revista do Instituto Histórico, 1902* (A, 65, 1ª Parte). Venha desacompanhada de nota, pelo Eduardo Prado, que, tornou-a a essa tarefa, não pôde realizar-na, surpreendido pela grave enfermidade e a morte.

— *In Memorias Históricas e Políticas, de Acioli, Bahia, 1919.* Apensa a parte referente à Bahia (p. 465-572).

— *Do princípio e origem das Indias do Brasil, e de suas costumbranças, adoração e cerimônias.*

SUMARIO

PAGINA 89:

- Notícia sobre Fernão Cardim.
 - Bibliografia de Fernão Cardim.
 - Uma História da Literatura Brasileira.
- PAGINAS 90 E 91:
- Algumas páginas de Cardim sobre aspectos do Brasil.
 - O Rio de Janeiro, de Fernão Cardim.
 - As publicações seguidas de "Autores e Livros".

Alfonso Sarmento.

- A Vida dos Livros:
- Notícias sobre Carvalho Filho (Face oculta); Visconde de Taunay (Memórias); Renato Mendonça (O declínio do Império e o ideal republicano no Brasil); Osório Dutra (Coras, perfumes e sons); José Monteiro (Problemas da Biblioteca Nacional); Souza da Silveira (Algumas fábulas de Pedro).
- Dois sonetos de Baudelaire traduzidos por Osório Dutra.
- Spleen.
- A gigante.

PAGINA 92:

- Pernambuco, de Fernão Cardim.
- A Bahia, de Fernão Cardim.
- Algumas fontes sobre Fernão Cardim.
- Folclore da Guerra Holandesa. Lendas e tradições do Nordeste — de Gisele Joffily Pereira da Costa.

PAGINA 93:

- Poemas de Alphonsus de Guimaraens Filho:
- Soneto,
- Noite,
- Canção,
- Canção só tua.
- Olinda Mal assombrada, de Gisele J. Pereira da Costa.

- História do jornalismo no Brasil: João Francisco Lobo.
- Notícia sobre João Francisco Lisboa.
- Bibliografia de João Francisco Lisboa.
- Algumas fontes sobre João Francisco Lisboa.
- Poesias completas de Balmando Corrêa.

PAGINA 94:

- Pequenas Notícias Literárias.
- Padre Leonel França.
- Fernando Nery.
- Lorenzo Fernandez.
- Francisco Galvão.
- Achegas a Autores e Livros.
- Asugas a Benito Teixeira.
- Gandavo.
- Gabriel Soares de Souza.

PAGINA 95:

- Página dos Autores Novos, XXI — Luiz Alfonso Sarmento.
- Desencanto.
- Inverno.
- Cântico com palavras.
- Nota sobre Luiz Alfonso Sarmento.
- Autógrafo e retrato de Luiz

PAGINA 96:

- Pequenas Notícias Literárias.
- Padre Leonel França.
- Fernando Nery.
- Lorenzo Fernandez.
- Francisco Galvão.
- Achegas a Autores e Livros.
- Asugas a Benito Teixeira.
- Gandavo.
- Gabriel Soares de Souza.
- Brasilio Machado.

Uma História da Literatura Brasileira

- Pedro Lopes de Souza — (26-6-1948).
- III Manoel da Nóbrega — (17-7-1948).
- IV José de Anchieto — (17-7-1948).
- V Gabriel Soares de Souza — (18-8-1948).
- VI Benito Teixeira — (18-8-1948).
- VII Pedro Magalhães Camargo — (20-8-1948).
- VIII Fernão Cardim — (22-9-1948).

AUTORES E LIVROS e seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendiu-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da época, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faça o seu colégio de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado a maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1948).

Algumas páginas de Cardim sobre aspectos do Brasil

DOS PEIXES QUE HÁ N'AGUA SALGADA (XIV)

Peixe bot. — Este peixe tem muitas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; o mais parece carne de vaca que peixe, já houve algumas escrupsulos por se comer em dias de peixes; a carne he toda de ferros, como a de vaca, e assim se faz em fagulhas e chácara, e curvado no fumeiro como parco, ou vaca, e o gosto se se casa com couves, ou outras ervas sobre a vaca, e comestidas com aduade de bot com couro, e cabellos, marrêz no chão, e gosto, e gordura porco, e também tem invertebrado.

Este peixe nas feijoas parece animal terrestre, e principalmente ini; a cabeça he toda de bot com couro, e cabellos, orelhas, olhos, e lingua, os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fechado, e abre-os, quando quer, o que não tem os outros peixes; sobre as ventas tem duas corquinhas com que se fecha, e por elas resfloga; e não pode estar muito tempo debaixo d'água sem resflogar; não tem mala barbatana que o raba, o qual é todo redondo e fechado; o corpo he de grande grandura, todo cheio de cabellos ruivos; tem uns braços de comprimento de hum covado com suas mãos redondas como pás, e nelas tem cinco dedos pegados todos hums com os outros, e cada hum tem sua mala como humana; deixaria destes braços tais as fêmeas duas matmas com que criam seus filhos, e não parem mais que hum; o interior deste peixe, e intestinos são propriamente como do bot, com ligadões, bofes, &c. Na cabeça sobre os olhos junto aos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas; são de muita estima, e único remedio para dor de pedra, porque feita em pô e bebida em vinho, ou agua, faz deitar a pedra, como aconteceu que dando-a a huma pessoa, deixando outras muitas experiências, antes de huma hora botou huma pedra como huma armenha e ficasse, e stande dantes para morrer. Os ossos desse peixe são todos massicos, e brancos como marfim; faz-se delle mantaiga, e tiradilhe das banchas como de porco; e o mal de manteria tem ralo, o qual sendo de largura de quatro palmos, ou mais todo se desfaz em manteiga; he muito gostosa, e para cozinhar e rigrar peixe, para a candéa serve muito, e também para mesinhas, como a de porco; he branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Este peixe se torna com arpejolas, achado-se nos rios saídos junto d'água doce: comem huma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde ha esta erva se matão, ou junto de olhos d'água doce, a qual sómente bezem; são muito grandes; e alguns pesam cca, e outros quinze quinias, e já se matou peixe que tem homens e não poderão tirar fora dagua, e nella desfizerão.

Bugupirá. — Este peixe bugupirá se parece com sólido de Portugal, e assi he cá estimado, e tido por peixe real; he muito sadio, gordo, e de bom gosto; ha infinidade delles, e algumas das ovas tem em grosso hum palmo de testa. Tomâo-se estes peixes no mar alto à linha com anzol; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Ojo de bot. — Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assi no tamamho como nas feijoas, assi interiores como exteriores; he muito gordo, tem as veses entre folha e folha gordura de grossura de hum tostão; tira-se-lhe lombos e ventrechás como aos atuns, e

deles se faz muita e boa manteiga, e lhe tirão banchas como a povo; he peixe estimado, e de bom gosto, bem merece o nome de peixe bot assim na formatura, como grandura; os indios são propriamente como de bot, e por esta razão tem este nome.

Cunumupá. — Este peixe também he um dos reis e estimados nestas partes; a carne he toda de ferros em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espuma por todo o corpo e he perigoso as escrupsulos. Tem huma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, dando tantas prezas em elas, e tão a minhoca que he causa de espuma, acodem ao sangue os tubarões, e as chapas de mantaiga até que morrem, e destas manteigas se acham muitas morteiras, e em pedacos. Também com esta ironia pescam os peixes de que se sustentam. Os indios usam destas barbatanas quando são pequenas para aquitarem os filhos, e lhes metem medo quando lhes são desobedientes.

Tartaruga. — He nesta costa muitas tartarugas, tomâo-se muitas, de que se fazem coxas, cutias de hostas, copos, &c. Estas tartarugas poem ovos nas praias, e podem logo duzentos e trezentos; são tananhas como de gallinha, muito alvos, e redondos como pêlos; esses ovos debaixo da areia, e como tribo os filhos logo começam de lá para água donde se criam. Os ovos também se comem, têm esta propriedade que ainda se cozam, ou assem sempre a clara fica mole; os intestinos são como de porco, e têm ventas por onde respiram. Tem outra particularidade que pondo-lhe o focinho para a terra logo virão para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas interiores adargas; e huma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podiam levantar do chão, nem dar-lhe vento.

Tubarão. — He muitos sábios de tubarões nesta costa: achão-se nella seis, ou sete espécies delles, he peixe muito cruel e feroz, e mata a muitas pessoas, principalmente aos que nadam. Os rios estão cheios delles, são tão cruéis que já aconteceu correr hum apôs de hum Indio que ia numa jangada, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com elle, e cuidando que o spanhava ficou em seco aonde o matariam. No mar alto onde também ha muitos se tornam com lago, e arpoes por serem muito golosos, sofregos, e amigos de carne, e são tão comilões que se lhes achão na barriga couras, pedaços de pacno, camisas, e ceroulas que caem aos navegantes; andam de ordinário acompanhados de humas peixes muito galantes, formosos de varias cores que se chamam rommeiros; faz-se delas um ótimo azeite, e dos dentes usam os indios em suas frescas por serem muito agudos, cruéis, e peçonhentos, e raramente serão das feridas, ou com dificuldade.

Peixe voador. — Estes peixes são de ordinário de hum palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça também he muito formosa. Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voam em bandos como de estorninhos, ou pardões, mas não voam muito alto. Também são bons para comer, e quando voam alegram os mareantes, e muitas vezes caem dentro das redes, e enião pelas janelas dos camarotes.

Botos e Tainches. — Destes peixes ha grande multidão como em Europa.

Linguados e Salmonetes. — Também se achão nesta costa salmonetes, mas são raros, e não tão estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguados de cá são raros: têm propriedade que quando se há de cozer, ou assar os aquitões, e quanto mais aquitões lhes dão tanto mais tempo ficam, e melhorem para comer, e se os

não aquitão não prestam e ficam molices.

DOS PEIXES PEÇONHENTOS (XV)

Assi como nestas terras do Brasil ha muitas colunas, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante, assi também ha muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe sapo, pela língua Guayacará. — He peixe pequeno, de comprimento de hum palmo, pungaco, tem os olhos formosos; em e grande d'água ronca muito e tem trincas muito avançadas, e em o tirando d'água inchada muito. Toda a peçonha tem na pele, e tirando-lha, come-se, e porém comeando-se com a pele mata. Aconteceu que hum moço comeu hum e morreu quasi subitamente; disse o pae: hei de comer o peixe que matou meu filho, — e comendo delle também morre logo; he grande mezinhas para os ratos, porque os que o comem logo morrem.

Outro peixe sapo da província feijão que o atraç, mas tem muitos e crus espinhos, como ouricó, ronca e inchá tirando-o d'água; a pele também mata, maximamente os espinhos, por serem muito venenosos; esfoliada se come, e he bom para camaras de sangue.

Outro peixe sapo que na língua se chama Iaocá, tem tres quinas em o corpo que todos ele parece punhal; ha formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfoliado se come; consiste a peçonha na pele, figadões, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Outro que se chama Carapeacau, de côte gorda, parado, preto, e amarelo; he bom e dás-se aos doentes; os figadões, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por esta causa os nativos em o tirando delâo as tripas e figado por ella, e depois faz-se tão grossa como hum bom tirante, e assim leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama Terepomonga, sc. causa que pega.

Finalmente, ha muitas espécies de peixes mui venenosos no salgado que tem veemente

enquanto lhe tem o pao posto em cima fica o braço com que toma o pao adormecido, e dormido. Tomâo-se com redes de mão todo o corpo faz tremer, e passar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Caranari. — Este peixe só come as amoreias de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes tem extraña dentadura, e há muitos horneus aleijados de suas mordedoras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidas; têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem os naturales que têm ajustamento com as costelas, porque os achão muitas vezes com elas entroncados, e nas praias esperando as ditas mordidas.

Amoreia. — Este peixe se parece com o peixe sapo; está cheio de espinhos, e mette-se debaixo da areia nas praias, e picão por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

Guamatacurubá. — Estes peixes são redondos, e de tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curubá, sc. língua verruga.

Terepomonga. — He uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver he deixar-se estar muita queda e qualquer causa viva que lhe toca fica nela tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pode soltar, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sai fora do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a toca pega, e se vê com a outra mão para desapegarem ficio também pegadas por ella, e depois faz-se tão grossa como hum bom tirante, e assim leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama Terepomonga, sc. causa que pega.

Finalmente, ha muitas espécies de peixes mui venenosos no salgado que tem veemente

Série 5.º — BRASILIANA — Vol. 168 BIBLIOTRECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

FERNÃO CARDIM

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

Introduções e Notas de
BAPTISTA CAETANO
CAPISTRANO DE ABREU
RODOLFO GARCIA

2.ª Edição



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre

1939

Página de rosto dos "Tratados da Terra e gente do Brasil", de Cardim. — Edição da Companhia Editora Nacional, 1932.

Algumas páginas de Cardim sobre aspectos do Brasil

pequena, que de ordinario não escapa quem os come, ou toca.

HOMENS MARINHOS, E MONSTROS DO MAR (XVI)

Estes homens marinheiros se chamam na lingua Iguapirá; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nemhum que o vê escapar; alguns morrerão já, e perguntando-lhe a causa, dizão que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de bõa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As femeas parecem mulheres, tem cabelllos compridos, e são formosas; achão-se estas monstruosas nas barras dos rios doces. Em Jaguaripe sete ou oito leguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno de cintento e dois indo hum Indiano pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se ele sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indiano quis ir ver o monstro, e estando descuidado, com humanação fura da canha, pegou delle, e a levou sem mais aparecer; e no mesmo anno morreu outro Indiano de Francisco Lourenço Caetano. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indianos. O modo que têm matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a consigo que a deixão feita toda em pedaços. Icando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguma comem-lhes sômente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitais, e assim os achão de ordinario pelas praias com estes coxos menos.

DOS MARISCOS (XVII)

Potsoe. — O mar destas partes he muito abundante de polvos; tem este marisco hum capelo, sempre cheio de tinta muito preta; e este he sua defesa dos peixes maiores, porque quando vão para os apanhar, botão-lhes aquela tinta diante dos olhos, e faz-se a agua multo preta, e então se acolhem. Tomão-se à fracha, e assavão-lo primeiramente; também se tomão com fachos de fogo de noite. Para se comerem os agitão primeiramente, e quanto mais lhe derem então ficão mais molles e gostosos.

Azula. — Este marisco he como hum canudo de cana; he raro, come-se, e para o baço bebidio em pó e em jejum he unico remedio.

Aguas mortas. — Destas aguas mortas ha infinitas nestas partes, e são grandes, e são do tamanho de hum barrete; têm muitas dobras, com que tomão os peixes, que parecem boiões de artaria; não se comem, picando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assim hum Indiano a quem huma mordeu que tinha recebido muitas frechadas, e nunca chorara senão então. Não aparecem sendo em aguas mortas.

DOS CARANGUEJOS (XVIII)

Ugá. — Ugá he hum genero de caranguejos que se achão na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta gente, maximamente dos escravos de Guiné, e Indianos da terra; são muito gostosos, sobre elles he bôa agua fria. Tem huma particularidade de notar, que quando encontra a casca se mettem em sua covas, e ahí estão dous, tres meses, e perdendo a casca, beccas, e pernas, saem assim muito molles, e tornão-lhe a nascer como dentes.

Guanchumig. — Este genero de caranguejos são tão grandes que huma perna de hum homem lhe cabe na boca; são bons para comer; quando farem trovões saem de suas covas, e fazem tão grande mati-

nada huma com os outros, que já ouve passos que acudiram com bous armados parecendo que eram inimigos; se comem huma certaerva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos á borda do mar.

Aratu. — Estes caranguejos habitam nas rócas das arvores, que estão nos lamarcos do mar; quando achão alguma ameixa tem a boca aberta, buscam logo alguma pedrinha, e subimamente dão com ella na ameixa; a ameixa logo se fecha, e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, elles com suas mãos lhe tirão de dentro o molho, e o comem.

Ra dez ou doze espécies de caranguejos nesta terra, e o nome tenho dito, são tantos em numero, e tão sadios que todos os comem, maximamente os Indianos.

Ostras. — As ostras são muitas, algumas delas são muito grandes, e têm o molho como

humana palma da mão; nestas se achão algumas perolas muitas ricas; em outras mais pequenas também se achão perolas mais finas. Os Indianos naturaes antiguamente vinham ao mar das ostras, e tomavão tantas que deviam ser serras de cascas, e os molhos levavão de moquen pa-ra comerem entre anno; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizérão grandes arvores muito espessas, e altas, e os portugueses descoberão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se faz parte do Colégio da Bahia, os papos do Governador, e outros muitos edificios, e ainda não he exagerado: a cal he muito alva, boa para guarnecer, e cavar, se está a chuva fai preta, e para vedar agua em tanques não he tanto segura, mas para o mato boa como a de pedra em Espanha.

Merilhôes. — Não faltam

merilhôes nessa terra, servem os naturaes e portugueses de colheres, e facas; têm huma cor prateada graciosa, nelles se achá algum aljofre. Ha um genero delles pequenos, de que as galinhas se sustentam, e por que não o podem quebrar, têm tal instinto natural que levando-no bico ao ar o deixão cair tantas vezes no chão até que o quebrão.

Héterópteros. — Os berbigões são gostosos e bons nesta terra, e nelles se achão alguns grãos de aljofre, e assim dos berbigões como dos merilhôes ha grande numero de muitas e varias espécies.

Buzios. — Os maiores que ha se chamão Guatapigauá, são buzios grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jazzes, contas, metaras, e arrecadas, e luas, para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dia huma pessoa das que tem cativas, e

os portugueses davão antigamente hum cruzado por hum; não tão altos como marfins, e de longe muito delles têm dous patmos, e hum de comprimento.

Priguyos. — Estes se comem também, e das cascas fazem sua cantaria, e por tantas bracaspas dão huma peças; destes botam as unhas o mar fôra serras, couro muuito para ver. De buzios e conchas na muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de várias espécies.

Coral branco. — Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce como ás arvoreszinhas todas em folhas e canudos, como coral vermello da India, e se este também o fôra, houveria grande riqueza nessa terra pela muita abundancia que ha delle. He muito alto, tira-se com dificuldade, e também se faz sal dele.

("Tratados da Terra e Gente do Brasil", págs. 70 a 82).

nesse reino, que andaram todo o dia atrás elas. Foi a mais aprazivel dança que destes meninos cí vi; chegados a igreja, foi a santa reliquia colocada no sacrário para consolação dos moradores que assim o pediram. Têm os padres duas aldeias de indios, uma delas de S. Lourenço, uma lègua da cidade por mar, e a outra de S. Bernabé, sete lèguas também por mar; jérão ambas três mil indios cristãos. Foi o padre visitador à de S. Lourenço, a onde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada, oficiada pelos indios em canto de orgão com suas frautas.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baia que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo, Deus Nossa Senhor, e assim é coisa formidável e a mais aprazivel que há em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mandego e Tejo; é tão capaz que terá vinte lèguas em reda, cheia pelo meio de muitas ilhas irascas de grandes arvoredos, e não impedem a umas as outras, que é o que lhe dá graça; tem a barra meia lègua da cidade, e no meio dela uma igreja de sessenta bracas de comprido, e bem larga, que a devide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para navas da India; nessa lègua manda El-Rei fazer a fortaleza, e ficará caixa inexpugnável, nem se lhe poderá escender um barco; a cidade tem cento e eloquentes vizinhos com seu vigário, e muita "escravaria da terra". (1).

(1) "Narrativa epistolar, passim, (Apud Silvio Romero. História da Literatura Brasileira).



Os rebocadores e os países vizinhos das marés tropicais
(Gravura do Século XVII)

Uma nau portuguesa, da época de Fernão Cardim.

O RIO DE JANEIRO

FERNÃO CARDIM

Fomos recebidos do padre Ignacio Tholeza, reitor, e mais padres e do Sr. governador, que com os principais da terra veio logo à praia com muita alegria, e os da fortaleza também, a mostraram com a salva de sus artilharias. Neste colégio vivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. O irmão Bernabé fez a lapa e às noites nos alegrava com seu birimbau.

Uma das oitavas à tarde se fez uma célebre festa. O governador com os mais portugueses fizeram um lustro alardo de aracabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifários, e bandeiros foram à praia.

O padre visitador com o mesmo governador e os principais da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada;

nela se armou um altar e acaitou a toida copa um pálio por clima; acudiram algumas vinte canoas bem equipadas, algumas delas pintadas, outras empunhadas e os remos de várias cores. Entre elas viajava Martim

ta reliquia ao pés sobre um rico altar enquanto se representava um devoto diálogo do martírio do santo, com cônegas e várias figuras muito ricamente vestidas; e foi assentado um moço atado a um pau. Causou este espetáculo muitas lágrimas de devotação e alegria a todos a cidade por representar muito ao vivo o martírio do santo, nem faltou mulher que viesse à festa; por fim acabado o diálogo, por a nossa igreja se pequena lhes preguel no mesmo teatro dos milagres e merces, que tinham recebido deste glorioso mártir na tomada deste Rio; a qual acabada, deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuaram com a procissão e dança até nossa igreja. Era para ver uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito anos, todos nusinhos, pintados de certas cores aprazíveis com suas cascas nos pés, e braços, pernas, cinta e cabeças, com várias invencionices de diademas de penas, colares e braceletes; parecia-me que se os viram

As publicações seguidas de Autores e Livros

Além da História da Literatura Brasileira, parte principal desta revista, das Antologias da Literatura Brasileira Contemporânea, em verso e prosa, da Página dos Autores Novos e de A Vida dos Livros, seções constantes, que remontam à primeira fase de "Autores e Livros", temos em nossas páginas várias outras publicações em caráter continuo. São elas:

— Cronologia da Literatura Brasileira.

— Traduções d'O Corvo", de Edgar Poe.

— Cartas de Joaquim Nabuco a Gracy Aranha.

— Poesias inéditas de Bilaç.

— Álbum de Guiñard. (Desenhos).

FOLCLORE DA GUERRA HOLANDESA

Lendas e tradições do nordeste

GISELDA J. PEREIRA DA COSTA

O folclore é a ciência da psicologia coletiva. É a ciência que não tem o cunho do raciocínio lógico-estrutural.

Desenvolve-se, devidamente sistematizado, com sua individualidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração pública e religião.

As lendas, a fantasia, e as tradições, apresentam um cunho de verdade. Aí está o seu valor, ai está o valor do folclore, ai estão os fundamentos para esta ciência que assenta sobre informações atinentes ao tempo, ao domínio da ética e da ética.

Os trabalhos folclóricos da escola mitológica, na Europa, nos meados do século XIX, divulgados pelo mundo, despertaram os primeiros folcloristas.

Não sonhava ainda ser criada a ciência folclórica. As nossas tradições anteriores já vinham sendo coligidas através dos séculos. Até então os depoimentos dos cronistas coloniais e dos viageiros dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O general Couto de Magalhães, o grande conhecedor a mitologia e da psicologia das raças indígenas, escrevendo sobre as tradições populares do Centro-sul em 1858, criou o estudo do nosso folclore.

Silvio Romero foi o primeiro sentir a necessidade da sistematização dos estudos feitos e a fazer.

João Ribeiro é marcante folclorista nacional.

Pereira da Costa — afirma Câmara Cascudo — "é autor do melhor e maior volume documental do ordeste".

Câmara Cascudo — fundador de fecundíssima escola folclórica — está em relévo internacional.

O esoterismo folclórico, em oposição às manifestações demônias classificadas segundo as origens míticas, com os esoterianos da Europa, começará a achar terreno e hoje, domina completamente.

O folclore brasileiro, além de riquíssimo, apresenta uma particularidade que lhe dá muito valor e o põe no nível dos mais importantes folclóres como o da Grécia e da Sibéria.

Avulta-lhe a apresentação poética.

Quanto historiador há de ter perplexo, surpreendido, nos tempos de antaqua, de incompreensão folclórica, mestres à cata do violentos e cantadores, e de bishomens e corangas.

Todavia, a inconfundível árvore do folclore, germinou, cresceu e, hoje, campela majestosa no mundo inteiro com seus processos de pesquisas e de classificação com a soberba organização da UNESCO.

BRASIL-HOLANDES

Limitava-se o Recife quando Nassau aqui chegava parte peninsular. Cercava de duzentas casas de residências, vendas, tavernas, a frequenta do Corpo Santo da qual eram os mareantes muito devotos e os "passos" onde eram armazenados os produtos coloniais: queijo, pou-brasil, algodão, tabaco, etc.

A ilha de Antônio Vaz era um areal estéril. Além do Convento de São Antônio, provavelmente tinha outra habitação.

Várzea, Madalena, Tôrre, Ponte d'Uchoa, Casa Fute, Monteiro, Apipucos, Dois Irmãos, Jiquá — eram

centros patriarcais, engenhos a volta de cujas moendas gravitavam as casas grandes, as capelas e as senzalas.

Com Nassau — desfilari para o Brasil um plotão de sábios. A engenharia, a geografia, a filosofia, a medicina, a astronomia, a história natural, a alta mecânica, e uma soberba falange de artistas. Arquitetos, escultores e pintores laureados pela escola flamenca que então celebra na Europa, vêm engrandecer estas plagas. O fastígio da Holanda com entra civilização, outros costumes com o poderio militar, com elevado senso cultural, com a fervescência do capitalismo, entra em franca atrizade no Brasil.

Fundada a cidade Maurícia, de deserto estéril que era a ilha de Antônio Vaz — começa a prosperar.

Transplantam-se coqueiros seteugenários, octogenários que, numas insaciável ânsia de produzirem continuamente frutificando soberbamente.

Tocam-se lânguores verdes, lançais doirados, ilhos, mamões, grumpeus, videiras, bananais, alteiam-se as palmeiras.

Frutos verdes, frutos maduros, "como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo a puerícia, a adolescência e a virilidade".

As trepadeiras, lésitas escalonam as árvores, e as flores saltam-lhes dos caules para os regaços dos ventos, onde balançam com barcarolas de beijos de noivado, e cênia num delírio de beleza coroando as cristas dos arbustos, e estrelando a verdura das ervas com as pétalas brancas de cambrâia linda, e morem expandindo perfumes tropicais.

Trípudiam as ciências, as artes e as letras.

Vuejergundo a sorris, lindas habitações. Erguem-se palácios, estiram-se as pontes, sobem os arcos, alteilam-se os arreios, canalizam-se as águas, repreza a hidráulica as águas do Capibaribe, e reproduz um dique, em Pernambuco, os prodígios da Zelândia.

Renova-se a indústria aquacultura, rasgam-se subterrâneos. Levantam-se fortalezas. Campeia um observatório astronômico.

O eclipse do sol de 1640 — é descrito e desenhado — fase por fase — com todo rigor astronômico, por Jorge Margrave — o astrólogo do príncipe. Afias a privacidade da luz celeste — no eclipse de 1640 — fôr sentida pelos pressagidores holandeses, como o crepusculo e o trânsito do esplendor japonês no Ocidente.

Outrossim — antiga e rarissima estampa holandesa, representando o cometa observado no Recife evidencia ainda o relo cultural e científico do príncipe Maurício.

Imprime o arquiteto um cunho de raro esplendor no palácio de Priburgo. O mobiliário era de marfim da costa da África, e de madeiras do Brasil.

Animam os pintores telas preciosas com retratos e figuras de animais em tamanho natural.

As paisagens do mundo americano vão desdubar em Haia, Amsterdã, na Flandres, e pelas potências do velho mundo afará.

Fundam-se escolas primárias e de instrução preparatória para todos os estudos literais e científicos dos costumes.

As naus procedentes da Índia Oriental ou da Índia Ocidental, da África e de outras regiões, trazem para

o Museu de Friburgo — alfaias de bárbaros, trajes e armas, animais e plantas exóticas.

A vida era afortunada.

Constituiram as pompas excepcionais — quer funerais — as do enterro de um irmão de Nassau aqui falecido — quer de registo, comemorando o restauração do trono de Portugal — espetáculos inéditos para o povo.

O DESEQUILÍBRIOS ENTRE AS FORÇAS BRASILEIRAS E AS FORÇAS FLAMENGS

A Holanda era a maior potência econômica e militar da época.

Embora, economicamente independentes, as duas Companhias de Comércio, a Oriental e a Ocidental eram subordinadas aos Estados Gerais, e constituíram enorme poderio militar. Haja vista — em 1641 — suas saqueadas na África. Atacaram e apoderaram-se de Angola, de S. Tomé, de Singapura.

Nossos exercito — tanto se compunha de soldados adestrados na arte militar, incluindo raros nórdicos, como de moradores, mulatos, índios e negros. Gente da enxada e das moendas. Das casas-grandes e das senzalas.

Um exército tão irregular, deveria enfrentar a nação mais poderosa do tempo com os mais modernos recursos da arte bélica — e sub-alimentado.

E — bem digno de nota — de soldo não recebiam um só real.

Com tão assombrosa inferioridade nossa — haveria de romper a Inversão Pernambucana.

Não tardará o holandês a criar para o povo — extraordinária ascendência sobre o português.

Começaram a proliferar as lendas, a imaginação e as tradições em favor dos holandeses. O tempo dos mouros em Portugal.

Ergula o holandês uma fortaleza numa noite. Destruia cidades em minutos. Cavava subterrâneos de ligações e léguas. Rasgava tunelos nas entradas das fortalezas.

A própria etnia — foram dadas falsas atribuições. Gente branca, dolicocefala, olhos azuis, cabelos louros, não se discutia, holandês. O que possuímos em gente branca dos olhos claros, é reminiscência portuguesa. Vem do elemento godo em Portugal que deixaria vestígios profundos na etnia. O holandês é baixo, grosso, lesto, belisque, cabelos escuros. Os olhos é que cinziam mais.

No norte de Portugal, a região densíssima do Entre-Douro — Minho, ou seja de Colmbra para o norte, provém densa massa de brasileiros. Basta lembrar o "Aqui de Viana" (do Castelo, a Capital do Minho) em vez de clássico "Aqui del Rei". Observa Fernão Cardim.

Em hora ditaos — velejavam para sempre os holandeses com todo seu poderio — deixando-nos com nossas capelinhas que se aprumavam e branquejavam pelas encostas, e com os nhôres da civilização helénico-romana que recebímos de Portugal através da Irmandade.

Esquivava o vinho da Holanda nos vasos sagrados. As inuentes espalhadeiras.

Una ou outra missa celebrada em casas particulares a portas trancadas.

As igrejas convertidas em templos calvinistas.

PERNAMBUCO

FERNÃO CARDIM

Não posso deixar de dizer nestas qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o Sul oito graus, e tem léguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor; acaba ficar uma hora obra. Tem seu vigário com dois outros clérigos, afôra outros muitos que estão nas fazendas dos portugueses, que elas sustentam à sua custa, dando-lhes mesa todo o ano e quarenta ou cinquenta mil réis de ordenado, altruías outras vantagens. Tem passate de dois mil vizinhos entre vila e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos; os índios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviais não se pode contar; tem 66 engenhos, (LXIII) que cada um é uma boa povoaçao; lavram-se alguns anos 200 mil arrobas de açucar, e os engenhos não podem esgotar a cana, porque em um ano se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vender, pelo que moe cana de três, quatro anos; e com virem cada ano quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o que quer: é terra de muitas creações de vacas, porcos, galinhas, etc.

A gente da terra é honrada: há homens muito grossos de 40, 50 e 60 mil cruzados de seu; alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhe morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhos de tido a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc.: os homens são tão brisos que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm três, quatro cavalos de preço. São miúdos dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianez, que são os principais da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e os outros de damasco e outras sedas de várias cores; e os guijões e selas dos cavalos eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquela dia correram touros, jogaram canas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao colégio

A BAHIA

FERNÃO CARDIM

"A Bahia é cidade de El-Rei, e a corte do Brasil; nella residem o Sr. bispo, governador, ouvidor-geral, outros oficiais e justicias de Sua Majestade. Distância da equinocial treze graus; não está muito bem situada; mas por ser sobre o mar é de vista aprazível para a terra e para o mar.

"E terra farta de mantimentos; tem trinta e seis engenhos; nesses se faz o melhor assucar de toda a costa, tem muitas madeiras; tem a cidadela de São Salvador, que é de pedra e cal, e todo de pedra e cal d'astrá, que é tão boa como a de pedra de Portugal."

para os ver o padre visitador; e por esta festa se pode julgar o que farão nas maus, que são comuns e ordinárias. São servidos dados a banquetes, em que de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revestindo-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada ano 50 mil cruzados de vinho de Portugal; e alguns anos bebem oitenta mil cruzados dados em rodilhão. Em Pernambuco se acha mais validade que em Lisboa. Os vianez são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum arruado contra algum vianez dizem em lugar de: ai que d'elrei, ai que d'Viana, etc.

A vila está bem situada em lugar eminentíssimo de grande vista para o mar, e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui colégio donde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se bem, ainda que tudo val três dobrar do que em Portugal. O edifício é velho, mal acomodado, a igreja pequena (LXIV). Os padres leem uma lição de casas, outra de latim, e escola de ler e escrever, pregam, confessam, e com os índios, e negros de Guiné se faz muito fruto; os portugueses são muito amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por ser meio faz Nossa Senhor muito louvado seja ele por tudo.

ALGUMAS FONTES SOBRE FERNÃO CARDIM

— Affonso Taunay — *S. Paulo no século XVI*.

— Non ducor, duco.

— Antônio Vieira — *Anais da Província do Brasil* (1624 e 1625) nos Anais da Bibl. Nacional do Rio — tomo 19, pag. 187 (1897).— Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 1º.— Batista Castanho — *Notas do Príncipe e Origens dos Indianos*, pag. 207 (ed. 1925).— Capistrano de Abreu — *Introdução à 1ª edição (1888)* reproduzida na edição de 1923, pag. 149.

— Artigo d'O Jornal, de 27-1-1923, apenso à edição de 1923, pag. 417.

Estudo bio-bibliográfico na *Revista Mensal da Sociedade de Geografia de Lisboa* no Rio de Janeiro, tomo III, 1886.Chichorro da Cama — *Mániaturas biográficas*, pag. 11.

Breve dicionário de autores clássicos ("Rev. de Língua Portuguesa") n.º 13, pag. 182.

— Ferdinand Denis — *Une fête brésilienne célébrée à Roncq em 1856* (Paris, 1851) em nota ps. 48-51.— Gonzaga Cabral (P. Luiz) *Jesuítas no Brasil* (século XVI).— Inocêncio da Silva — *Dicionário bibliográfico* — tomo 2º, pag. 281.— José Carlos Rodrigues — *Biografia* (Continua na página 100).

FOLCLORE DA GUERRA HOLANDESA

Lendas e tradições do nordeste

E — paciente à luz da verdade — a força ultraterrena que às nossas armas se comunicava.

Celestes visões guardaram os passos de João Fernandes Vieira para a vitória da Insurreição Pernambucana.

Quando João Barbosa Pinto vingava o massacre de Cunhaú, as margens da elevação que hoje guarda o nome de "Morro da Batatalha", no Rio Grande do Norte, só mais vivo de peleja — aparece uma mulher vestida de branco com manto azul, distribuindo areia que colhia do chão numa pequena cestinha, e se transformava em pólvora ao ser entregue aos soldados de Barbosa Pinto. Identificaria-se a estranha mulher como a moça bonita com a cabeça luminosa que — na batalla de Olivença, ajudara a Jerônimo de Albuquerque contra os franceses da La Ravardière. Era Nossa Senhora.

Confessavam os holandeses que no ardor de terrível refriego — viram entre os portugueses, formidável mulher de azul e branco com uma criança nos braços. Junto à mesma Senhora, veneranda figura que presumiram ser Santa Antônia. E aos nossos distribuíram armas, pólvora e balas.

Não conseguiram os holandeses filtrar a senhora e o menino pela maravilha de esplendor. Confessavam ainda os holandeses que — cheios de espanto e terror — voltaram as costas e retiraram-se em desbandada.

Foi nos campos das Tabocas.

Mote de um poema que celebra o fato:

A sacra luz de Maria
Nas Tabocas vencedora,
Foi nossa restauradora,
Pés do noto claro dia.

Em sonhos, recebe Vieira uma embaixada do céu. Aparece-lhe Santo Antônio ordena-lhe que deixe o leito e parte sem demora ao encontro do inimigo.

Dous lhe assegurava a vitória.

Alta noite mesmo, Vieira toca a reunir, enfileira o exército, marcha ao encontro dos holandeses, e os derrota.

No mais aceso da peleja — chega do Arraial um popular conduzindo uma imagem de N. Senhora do Socorro — a sua copiosamente.

A essa imagem haviam os holandeses despojado de suas vestes, e lhe quebrado os braços. Enxugavam os soldados o suor do sagrado velho que tornava a bordular, e carinhosamente guardavam os lenços-reliquias.

Apenas entraria a imagem entre os nossos — içam os holandeses bandeiras brancas. A rendição. A vitória da Casa Forte.

Na segunda batalha dos Guararapes — ouvia-se um estampido na montanha, e surgiu a Virgem em pleno teatro da guerra.

Aponta a tradição a colina das Barreiras como o lugar do prodígio.

Organizaram-se, desde então, romarias no local do milagre, e posteriormente à igreja dos Prazeres.

E prosseguem nos nossos dias cada vez mais suntuosa, popular e tradicional a festa dos Prazeres. De par com a mesma, no Brasil, só a do Bomfim, na Bahia.

Narra outra lenda que no local da ermida, N. Senhora animava aos combatentes desanimados e fizes distribuiu, como bucha para suas armas, o capim que verdejava pelas encostas dos Guararapes. Belíssima geografia mariano-brasileira!

Canticos de louvor, harmonias celestiais no Recife. — Que seria? — De onde viria?

A noite do massacre de Cunhaú.

Levavam os anjos as almas dos mártires para o Paraíso.

Em Ipojuca, levavam os holandeses a extremo ridículo nossos religiosos. Apareceria uma moça endemoninhada da qual se livrava com os exercícios da igreja. Volta o demônio no corpo da vítima que é levada ao Convento para novos exercícios. Estavam presentes alguns soldados holandeses. O demônio — pela moça — consegue a falar a língua holandesa, e a revelar os pecados dos soldados, e a revelar os pecados dos soldados presentes, cometidos aqui e na Holanda. Pergunta o frade ao demônio por que voltaria aquele corpo, ao que responde o mesmo:

— Peço desculpa que se fizera obra de Deus, e porque não lhe haviam pedido um sinal para o porem em memória no altar de Nossa Senhora. Ordena então o frade ao demônio que liberte a vítima e dê o sinal. Logo vemita a moça um anel de aterré que se põe no altar de Nossa Senhora da Conceição em mérito do milagre, e passam aqueles holandeses a acolher e a venerar nossos religiosos.

Na capela de Santo Antônio do Monte, no Cabo, pertencente ao engenho Velho, assaltaram os holandeses a propriedade, foram à capela, e mutilaram a imagem de Santo que jorraria copioso sangue dos golpes que recebera. Favor entre os profanadores.

Necessitavam os holandeses estabelecidos em Itamaracá de material para suas construções. — Telhas! — Venham as telhas da matriz dos Santos Cosme e Damiano de Igarassu.

Cairam todos que haviam subido para executarem a profanação.

Cegos. Mortos. Aleijados.

Recorda o fato — uma tela existente na mesma igreja.

A conquista da fortaleza Príncipe Maurício, as margens do S. Francisco, em Penedo. Escreve o som de uma campanha percorrendo todo o corpo da guarda. Ouviram alguns uma música em tom de ladainha — e brilhante — viram uma luz. Alguém ali acabara

de impiorar a intercessão dos fiéis defuntos. Era sua proteção. Não havia dúvida.

Ao amanhecer uma missa cantada de Requiem.

Por ordem do capitão, ao elevar o sacerdote a Hostis Consagrada, detonaram os portugueses todas as armas de fogo e deram duas descargas cerradas em reguço. Estrugira ao mesmo tempo a artilharia do inimigo.

A elevação do Cálice — nova descarga cerrada da nossa parte. Terminada a missa — atroava um tambor holandês. Era nossa a fortaleza Príncipe Maurício.

TRAÍDOR

Havia um Sebastião de Carvalho dando guarda numa casa sua, recentemente construída, com sólido acabamento, aos portugueses. Na aludida casa, haviam estes guardado suas roupas e mantimentos. Ao regressarem os portugueses, em pouquíssimas horas ardera toda a casa. O grosso madeiramento reduzido a pó e a cinzas. As paredes desabadas. As telhas em migalhas. Carbonizada uma escada de pedra de cantaria. E não houve fogo na casa.

Ou descerá do céu — ou virá do inferno.

Ou arte diabólica — ou castigo de Deus.

Se põe Homero na "Ilíada" — todos os deuses olímpicos batendo-se pelos gregos ou pelos troianos, e mesmo sendo feridos, não será o caso dos milagres e das aparições em nosso favor — pela expulsão dos batavos.

O final de um poema de autor ignorado à pintura que fantasia a primeira batalha dos Guararapes.

No Recife existe um templo
De que é patrona benigna
A Virgem dos Militares;
Dele a entrada se divisa
Um bosco painel tragado
Por mão de patriota artista,
Que este padrão nos recorda
Da brasília valentia.

Seguiu-se outrora à festa dos Prazeres uma festa pagã. Ao deus Baco — no domingo seguinte.

Para o lugar denominado "Batalha" — onde se travara um combate parcial em uma das duas batalhas dos Guararapes, afiava o povo onde assistia ao batismo de Baco, no riacho Jordão. Organizava-se em seguida o prêmio para os Prazeres. Cada qual cortava um galho de árvore. Baco, coroado de folhas, fechava o cortejo, montado numa pipa em forma de charola conduzida aos ombros. O deus do vinho, fa fazendo libações, era representado pelo juiz da festa, eleito anualmente.

Desfilava o cortejo ao som de cânticos com o estribilo:

Bebamos, companheiros,
Bebamos, companheiros,
O suco da uva
O vinho verdadeiro.

Envolvia a procissão todo o tempo, e dissolvia-se depois, sempre ao som do bino báquico. Aquela festa porém, dos tempos do reinado heróico mesmo, não poderia ser tolerada num país católico.

Interviéra a autoridade eclesiástica.

Após tentativas pacíficas, em 1650, numerosa força de cavalaria e infantaria — liquidava aquela paganismos.

Tem o riacho Jordão suas Águas avermelhadas pelo sangue dos mártires que lá tombaram.

Na peleja das Tabocas, os negros, armados com arcos, flechas, saguzinhos e facões, ornamentados com seus potachos tocavam flautas, atabaques e buzinas com grande voracidade, fúria e estrondo. Minas e índios, com seus bárbaros instrumentos, cantando, dançando, e gritando confusamente, festejaram a vitória da Casa Forte.

Trezentos índios aliados aos holandeses, que guardavam a Capitania da Paraíba, surpreenderam em um domingo o engenho de André Dias de Figueiredo, na ocasião em que se celebrava a missa. Mataram os sacerdotes e cerca de cementa pessoas. Mulheres e crianças. Daquele carnificina, salvava-se apenas uma filha do senhor de engenho. Só o esplendor da rara beleza da jovem — curvava-se a antropofagia. E — compadecidos, humanizados — levaram a deidosa jovem para a fortaleza da Paraíba, mergulhada na malha acerba dór, e recomendaram aos holandeses que em tudo a satisfizessem.

Para um soldado holandês — uma espada com narizes e orelhas enfiadas era honrosíssimo troféu de guerra.

De um selvagem de enorme corpulência cortaram tiras de pele, e do mesmo infeliz o carrasco derreteu considerável quantidade de banha.

Um padre no engenho Ubu em Goiânia — fôr assassinado após ser obrigado a entregar objetos sagrados do culto divino. Não satisfeitos com o que obtiveram — sacrificaram a vida do sacerdote. Em 1636. Antes de Nassau. Processára o príncipe ao chegar, os responsáveis e os expulsos do Brasil.

No século XVII — minadores holandeses, judeus e alémanes — organizaram inúmeras e arriscadíssimas expedições à cata de riquezas no Brasil oriental. Infuriavam porém, todas elas. Naquelas empresas — foram muito auxiliados pelos índios. Descobriram-lhes os caminhos e lhes rasgavam as matas virgens. Cunhaú, os desertos da serra da Copachana Paraíba, e o Cabo de Santo Agostinho foram para os exploradores canticos de serelhas que só lhes acarretaria os maiores prejuízos e as maiores fadigas.

Num combate — caiu sem vida um capitão holandês. Trajava a rigor. Ricas plumagens no chapéu. Com a morta festa, despojaram-no os tapuas. Um lhe tirava o chapéu. Outro a roupeira e os calções. Outro a camisa. Outro o talm e a espada. Outro o belo tafta com pontas de prata. Quebrava-lhe o malhão a cabeça com um pau de jacá. Tornava-se cavalheiro segundo suas gentilices cerimónias, e celebraram sua ventura com sautes e selvagens cantares.

Tiveram porém os tapuas seu nome tristemente ligado à história nacional. Sua aliança com o inimigo.

Recebe Nassau as margens do S. Francisco embaixário do rei dos tapuas presenteando-lhe com arcos, flechas, lindíssimas penas de emas, com as quais se ornava quando iam para a guerra.

Retribuiu Nassau os mimos, mandando-lhes vestimentas de linho, roupas de mulher, facas, chocalhos, missangas, corais, anzóis, pregos, objetos para têxteis, desconhecidos ou pelo menos raros.

Posteriormente — três mil tapuas com as mulheres filhas, desembarcaram o serôto para o Rio Grande do Norte, e protestam integral solidariedade no inimigo. Nassau — para não perder a fidelidade dos tapuas — mandaria levar para a ilha de Itamaracá suas mulheres e filhos, dispensando-lhes ótimo tratamento. A vista de seus mais caros penhores — não desertaíram.

Pouco antes de Nassau partir para a Holanda, o rei dos tapuas, enviara-lhe uma delegação de três filhos seus à frente de vinte homens da mesma nação, suplicando-lhe a permanência no Brasil. No dia do embarque do príncipe, tapuas, depois de passarem a noite nas praias, lançavam-se aos magotes nos bateás e nos navios de transporte que conduziam as bagagens. Nassau os cumprimentou com muitos presentes, e eles, chorando e soluçando, voltaram para a praia.

Dois tapuas acompanharam Nassau para a Europa e com a participação dos mesmos, ofereceu o Conde a seus amigos uma linda festa brasileira na Mauá-ribalta.

O conhecido estratagema de Nassau — "o boi voador" — fôr celebrado pela lira popular:

Milagre de S. Maurício,
Diz o Felipe espílio.
Pode ser porém duvido.
Desse santo que é pagão.

Foi dia de encantos,
De graças, recreio
Pra o Conde que é holso
De florins viu cheio;

Pra ele somente
De certo que não,
Porque o Felipe
Tirão seu quinhão.

Enquanto têm nossas foguetas piedosa significação cristã, ascendiam-nos os germanos e escandinavos em honra de Freia. Freia — a deusa do amor e das encantadoras. Para os holandeses, significavam as foguetas manifestação de regozijo público. Vinham já do tempo de Strabão e constituiam o culto celta-íberico por excelência.

Destarte, aqui mantiveram os holandeses a arcaica tradição pagã das foguetas de alegria à deusa do amor — já pela restauração do trono português, já comemorando o "primeiro aniversário da tomada e posse da Capitânia".

A gargora, divertimento tão apreciado pelas crianças — introduziram-na aqui os holandeses.

Atracar, brete, chalupa, escuna dura, doca, late, urca, metralha, são vocabulários de origem holandesa. (1)

Inversamente:

Engenho, senhor de engenho, safra, negro, lavrador, vigário, influiram na língua batava.

Topônimos que lembram a Guerra Holandesa:

Logarejo "Batalha" — em Prazeres, Lagoa "Hollandense", no Cabo. Lagoa da "Batalha" e ilha do Flamenho — no Rio Grande do Norte.

Eram os holandeses capazes do impossível. A casa forte dos "Reis Magos" — é tida como feita durante uma noite.

Noite de véspera de "Reis".

Os conventos de S. Francisco do Recife, da Paraíba e de Penedo, ergueram-nos os holandeses. Qualquer inscrição incompreendida — é dos holandeses.

Quantas véses — latim — com caracteres pouco legíveis na época do tempo!

Os petrógrafos de Vila Bela, reminiscências talvez dos fenícios — são dos holandeses. Estes por lá jamais andaram. No entretanto, são inscrições que revelam roteiros de tesouros enterrados pelos flamengos.

E' interminável o mundo das lendas a propósito de tesouros.

E na matéria algo há de verdadeiro.

Uma pessoa de grande probidade afirma ter visto no solar de Mégape — um vao numa parede. Fôr um tesouro arrancado, informaram-lhe.

A ilha de Itamaracá — conquistada pelo holandês e reconquistada pelos portugueses — é lendária.

Sohnava um proprietário do Forno da Cai — com uma mulher alta e muito bela lhe mostrando um grande caixão contendo ouro, na guarita do lado do forte da fortaleza de Itamaracá.

Um grupo de veranistas que fazia uma estação balnearia na ilha, excursionaria à abandonada fortaleza para fazer escavações.

Nada fôr encontrado. E' inabutável a crença dos

(1) Informa o prof. Theodoro Hadietz.

Poesias de Alphonsus de Guimaraens Filho

Canção só tua

Pela alegria que me deste,
Pela alegria que me dás,
Tu, o que eu vi de mais celeste
Neste mundo de coisas más.

Pela infinita castidade
Que pões em cada pensamento,
Tu que és livre, da liberdade
Do mar, do vento;

E que me cego da esperança
Que dos teus olhos vejo fluir...
Tu que és como uma criança
Diante da aurora que há de vir.

natural de Itamaracá na existência de ouro, joias, e objetos de valor enterrados no forte pelos holandeses.

Quando reconheceram que ce deviam renunciar — conjecturaram nos suas horas de lazer — que possuíam de valor, enterravam dentro da fortaleza, ou em roda, ou perto da mesma.

Creem também na existência de um subterrâneo na fortaleza para se esconder dinheiro, armas, pólvora, alimento, etc.

— No Poco do Cobre, há um tesouro. Já houve quem visse, indo buscar água no correio em que está situado o Poco do Cobre, uma mulher muito bonita com um tacho cheio de ouro.

Mas... logo desapareceria à visão... e o tacho.

Em sessão espirituosa, já se manifestava um comandante holandês de Itamaracá, afirmando haver no correio do riacho do Poco do Cobre, um tesouro que ele próprio mandaria enterrar.

Pedra o direito a um tesouro — um pescador só por haver revelado à esposa o segredo.

Uma pessoa no passar em frente à fortaleza de Olinda, viu uma grossa corrente de ferro preta à parte do mesmo e o resto enterrado no solo. (2).

Surpreendido, o transeunte procura um amigo, e ambos se dirigem para o forte. Nem vestigo da corrente.

Quanta lenda há de haver ainda em Itamaracá, entre os moradores de Vila Velha de N. S. da Conceição, de S. Paulo, do Rio de Janeiro, da Baixa Velha, etc.

Do poema à lenda "O caixureiro da cigana" em Fernan de Noronha:

Depois dizem que morreu,
E por memória aqui deixou
Esta árvore que plantou.

Não se sabe o que julgar
Dessa estranha aparição.
Mas afirmam que, um dia,
Se se cavar, hão de achar
Que é ferreiro cofre, um tesouro
Que contém da Holanda o outro.

— Um dia de noite, um bandão de gente estava cavando perto do Cruzeiro do Arraial Novo. — Quem fui que soube? — Seu criado.

— Home, tu não sabe que só quem cava é quem compra?

— prossegue o fertilíssimo aspecto do maravilhoso e do encantamento. Conta o povo de Serinhauá, que no ano da última badalada da meia noite, surge, nas imediações do Cruzeiro, uma grande figura de mulher, todo de branco cabedó solto, braços nus, a face oculta sob espesso véu. E "a moça do Cruzeiro".

Silenciosa, caminha pelas estradas adjacentes, a passos lentos, que nem um mortal entretanto, acompanha, embora correndo.

Um que a encontrou — desmaiou. Outro — teve-nos encalço durante duas horas. Outro — falaria-lhe, e a resposta foi um soluço que o gelara de medo.

Na mesma cidade de Serinhauá — já houve uma noite de pânico terrível. Um cabriolé negro, monstruoso, pintado por uma parelha também negra, a toda velocidade, perfeito o barulho das rodas e o rumor dos cascos dos cavalos, veio de longe, rodeou o Cruzeiro, e aterrissou no despenhadeiro que demora nas imediações da igreja do Livramento. Viveu um momento de pânico a cidade.

A força do desathecamento, acompanhada de praias, recorre ao abismo para socorrer os feridos. E do carro — nem os vestígios das rodas.

Era do outro mundo o cabriolé. Dos olhos dos cavalos — saiam chamas azuladas. Falavam os passageiros do carro em uma línguagem estranha.

Era o holandês.

No Arraial Novo — aparece uma luz fatídica. Morrerá quem a vir.

Maria Cambraia, gorda e robusta, viu a luz e morreu.

— Se Imbilina, viu a luz, chamou a filha. Viu ela e a filha. Morreu só Imbilina e morreu a filha.

Em Olinda tem muito ouro enterrado e tem até imagens de santos de ouro massiço em tamanho natural nos subterrâneos.

Por lá também um mal-assombrado terrível.

São as almas dos aguadeiros tirando água fóra de hora na bica de S. Pedro.

Finalmente — as lendárias tradições da velha Ma-

Canção

Aos teus muros chego
Para adormecer.
De onde te procuro
Não te posso ver.

Sopra contra nós
A música sombria.
Vem distante e fria,
Vem quase irreal.

Para que repouses
Nos domínios ermos,
Nos domínios santos
Onde não estás.

rim, que se vão perpetuando de geração em geração, fixamos no livro "Capivais" no poema:

OLINDA MAL-ASSOMBRADA

Meus netinhos:
Eu já vi tantas vei.
Us sino de Ulinda badelano sem Siner,
Ais igreja si abrindo i si fechano sem poitero,
I toda acesa sem candinhero.
I ai selpenti i uis dragão
Dus oio de fogo no laceridio
Guardano uis ouro i uis drobão
Nas boca dus subterrâno

— Uli, qui medo, voinha!
— E' só havé silêncio i u má si acarâa:
— Avanca!

— Istração a bandera!
Ais ispada dus ireje
Timindo nais ispada dus cristão.

I quando chove, meus netinhos,
U malassombro da guerra e fôo;
Uis canhão urrano,
Uis clarão cegano,
I uis coipo imblano
Pulas laderas abaxo!

— Uli, qui medo, voinha!

Igualmente — é do livro "Capivais" — o poema.

A FESTA DOS PRAZERES

Gá — pô — pô!
Din — dão!
E' a alvorada nos Guararapes...
Abre-se a igreja.
As meninas vão entrando com seus véus brancos.

Brancos como a espuma do mar.

Matutinos de pé de serra,
De beira de río,
Dos sítios onde plantam feijão e milho,
E das praias onde pescam
Pilabs cõr de prata,
Cantando serenata.

E' gente, é gente, é gente...
O trem subindo e descendo.
Descendo e subindo.
As sopas e os caminhões.
Derramando povo, povo, povo.
Limusines cõr de jaboticaba.

* De caju, de mangaba, de doce de jaca mole.

Cabeças, braços, pernas, corações,
Chaves, navios, jangadinhos de cera.
Tanta vela, tanta vela acesa!

O Cruzeiro parece um braceiro!

Fita azul, fita amarela,
Cõr de rosa, cõr de ouro,
De-bonita, de melâncolia,
Tocando à Senhora dos Prazeres...

O capim — "meizinha" para tudo,
E' arrancado com a raiz sangrando.
Aviva-se nesse dia o sangue dos "marte".
As pedrinhas "sangrentas".
Também são "arrelique".

— O barro vermelho regado pela chuva...

Roliço mole e doce.
Cachorro quente. Piomba madura.
Tangerina. Monjopina.
Munguá. Camarão torrado.
Lagosta com Cara Preta.
Macacheira com mel de rapadura.

No salão — preparado no terreiro,
Coberto com palmas de coqueiro,
Mané Fulô — dança com Joaniha.
Gertudes — samba com Mão de Aranha.
Muriçaca — roda com Morgada.
Toda cacheada.

Soneto

Ressalvo de perfumes desparados

Sobre a carne da noite; um leve apôlo
As castas mãos, aos olhos iludidos;
Estremecer de um fruto que a colheijo.

Lá tinham ido os risos doloridos;
Pudor, carícia de um magado atô...
Agonia de ventos em atropelo
Pulando corpos desparecidos.

Um latejar de primavera, odiosa
Porque frágil demais o devaneio;
Uma clara cantiga fugidia.

Mal tocando da noite a face ansiosa:
Uma estréia ferida sobre um seio;
E o amor, tão simples, terá vindo um dia.

— Musga! Musga! Maestro!
Ninguém os vê por causa da poeira.
E todos se afastam por causa da catinqueira.

Tá — tá — tá — á — á...
— Um vido de chero!
— Olo perfumado i preparado!
— Aquél jarro. Aquél acola todo maracajado!
E' a roleta.

Os baús com terços, anéis dobrados,
Medalha da Mãe de Deus. Bentinhos

Meus irmãos, favorecel-me.
Pelas chagas do Redentor.
Pela lua dos vossos olhos.
Que a minha se apagou.

A molecada no carrossel, no chicote,
Nos botes vondores, na roda gigante.
E — de boca aberta —
Para o cavalo-marinho, para o bumba-men-boi,
E para o maracatus.

Se o Recife fosse meu.
Eu mandava ladrão
Com pedrinha diamante
Pra Cambunda passá.

Gé — pô — pô!
Din — dão!
E' a procissão.
A imagem da Senhora, já vai saíndo da Igreja.

Todos correm atrás do andor.
Algumas descalços.
Outros andando de joelhos, sangrando o chão.

— Agitam-se mãos brancas, negras,
Mutinhas, saracá, cõr de guajuru;
— Minha Nossa Senhora — não deixai mal!
Aqui entrá uis ireje!

A noite — o painel da Virgem...

Destarte — Chegamos à conclusão da vitalidade do Folclore como elemento probante da vida nacional, no registo do seu passado, na conservação e divulgação de todos os principios emotivos que impressionaram os maiores.

A Guerra Holandesa deixou no espírito popular esses vestígios que aqui reuni, e por fies julguei não do mérito da coordenadora mas da fidelidade e projecção deste embate de gigantes na memória coletiva do Nordeste.

BIBLIOGRAFIA

PEREIRA DA COSTA

Folclore Pernambucano
Vocabulário Pernambucano
Mosaico Pernambucano.

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Geografia dos mitos brasileiros
Antologia do folclore.

GILBERTO FREYRE

Guia histórico artístico e sentimental do Recife.

JOSE ANTONIO GONCALVES DE MELO NETO

Tempo dos flamengos.
O exército pernambucano no tempo da guerra holandesa.

FREI MANOEL GALADO

O valeroso lucideno.

BARLEUS

História de Maurício de Nassau.

AMBROSIOS RICHISOPFER

Diário de um soldado da Companhia das Indias Ocidentais.
(Tradução de Alfredo de Carvalho).

(2) O mesmo aconteceu na lagoa do Bonfim, município de Pará de N. S. do Norte.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXI — LUIZ AFFONSO SARMENTO



Luiz Affonso Sarmento

Cantico sem palavras

Na desilusão da chuva.
Choraste.

Vejo-te caminhando sominha na rua,
Nessa rua terna e amiga,
Longa e longa.
Teus passos são tardos, medidos,
Como se em cada um remorresseas
Certos olhos, agora mortos;
Como se em cada um tentasse ressuscitar
Certas luces, agora noturnas.
Triste lembrança,
Como vive?!

Vejo-te arrancando paisagens,
Para guardá-las no fundo, entre ti,
Onde nem tu mesma penetres.
Último relicário, de que te valem
Retratos, somente retratos, se o tempo há de
Destruí-los?
Teus tardos passos brotam gritos do chão.
Que te importa que o chão sofra,
Se a ti elas parecem harmonias?

Curves outros passos a seu lado;
E crês na resurreição da carne.
Teus olhos cintilam; — deram-te
O último cigarro do condenado
A morte.

Andas.
Sempre calma, e suave, suave.
Deixa as mãos calarem, perfeitas,
Que valor tem elas agora senão acompanhar
As pernas?
Andas na rua, silenciosa, mulher,
Pobre mulher, divina cinta.
Dos restos das cinzas de um sonho.
Vejo-te etéreas, os olhos cheios de lux.
Andando, andando, sereno acorde
Que não repercute mais, como não mais canta
O vento sem espinheirais.

Choras na chuva.
Choras na chuva que cai desamparada.
Choras.

E encostas a cabeça no muro,
Naquele muro palpitante.
E te vêm aos ouvidos
Os grandes concertos sinfônicos assistidos,
Os passeios ao sol,
Os cristais das risadas,
Os silêncios musicais.
Vés tua cabeça em meu ombro, reclinada,
Idealizando uma aurora infinita,
Que não explodiu por não caber
No tempo.
São imagens, imagens tão reais,
Que te vão tornando também imagem.
E não compreendes, não sentias.
Maiaram-te a flor da resignação;
Põe-lhe a essência de minha saudade,
Que anda no ar,
Eela reviverá.
Põe-lhe a essência de minha saudade.

Quantas véses ver-te-ei assim,
Pobre sombra, debruçada sobre minha campa,
Minha campa viva, minha campa linda,
Que e cada pedra que pisei contigo?
Bem sei que sentirás sempre.
Mas, porque não fazes como o vento,
Que ainda ama a árvore enquanto as folhas caem?
Ama-me. Mas não chorres para sempre
Cada folha que cair.

Eu não te vejo mais.
Por isso, debruei-me da eternidade
E pus em todos teus minutos
Um segundo meu.
Só te peço:
Não sofras.
Lembra-te como eu amei a vida,
Como ri e cantei em vida.

E, se não puderes cantar,
Chora silenciosamente,
Mansamente, tardivamente,
Que tuas lágrimas, aos poucos,
Irão criar um coração.
E eu repousarei tranquilo,
E soltaré tuas lágrimas no espaço,
Para que elas voltem a teus olhos,
E eu murmurarei na lux com que vejas
A vida.

Desencanto

E recordo aquela praia
Longa e triste,
Imensamente triste;
Onde as preces do vento
Não tiveram jamais um eco,
Onde as ondas do mar
Não quebravam nunca,
Para não romper o silêncio.

Aquelas areias úmidas
E claras, mornas, muito lissas,
Que pareciam receber as águas
Como um cemitério
Acolhendo incessantes funerais;
Os rochedos rudes,
Comidos pelo sol e pelas horas,
Postos num último degrado.

Recordo a imensidão das linhas,
Que caminhavam sempre,
Não sei se fugindo da terra
Ou encontrando o céu.
E o ar lutooso e denso
Que costumava flutuar
Entre as árvores perdidas
Daquele deserto de emoções.

Recordo tudo isso
Porque assim sentisse comigo;
Revejo tua imagem
Vestida com a distância,
Os olhos velados,
As mãos apertando as minhas,
As narinas entreabertas
A brisa do mar, ao abrigo da solidão.

Lembro-me de que, sentados,
Juramos construir algo de nosso
Nas areias, no mar, no céu,
E o que é mais importante:
— No tempo.
Já era quase noite;
A claridade decomputava as horas;
Apenas senti a luar crepuscular de um beijo.

Então, (ah, como relembrô...)
Toda tarda fomos à praia
Longa e triste, e buscávamos
A serenidade dos rochedos.
Calmos e firmes.
A noite nos levava,
E pensávamos em não sei quantas
Duplas solidões.

Os ecos renasceram;
Ao nosso olhar as pedras
Cintilavam,
E o mar aos poucos se encrespava.
Dialogávamos com o vento,
E cobriamo os corpos de areia.
Daquela areia tépida,
Tão clara e tão noiva.

Os minutos aguardavam por mim
E por ti;
E quando ordenávamos
Que parassem,
A tarde morria,
E sentímos só
A luar crepuscular
De um beijo.

Para que recordar?
Hoje é uma ténue
Sombra de outono,
Que vagueia às véses
Em meu olhar.
A praia é de novo
Como a conheci,
Como nós a conhecemos da primeira vez.

E eu me sento sob os rochedos
Postos em último degrado,
E nem respondo ao vento
Que reza por nós.
Apenas sorrio quando
Cada onda quebra,
Mostrando-me os escos
De cada ilusão que morre.

Apenas isso;
Apenas isso,
Apenas isso.

Inverno

Nessas roxas tardes longas
Escuto às vezes o rumor
De tua memória.
Ela me chega tristemente,
Sem eco, gelada quase,
Como pobres flores mortas.

E eu me pergunto:
— Que fazer?
Tudo que existe é o passado;
O presente, uma repetição
Monotonamente repetida.
— Que fazer de teus olhos?

Passas com vagar
Pela minha saudade.
Em certas horas muito frias.
Não te posso aquecer, meu amor;
Sou um inverno de esperanças,
E de amor.

— Que fazer.
Se teus olhos infinitos
Me trazem a luz magoadas
De duas negras pétalas
Num calmo funeral
De gelo?

Como sentir,
Se teus cabelos se entreloram
Nos sessenta segundos de cada minuto meu,
Impessoais e longinquos,
Presos em um vento maldito
Que sopra e sopra?

Sou um inverno infundível,
Mesmo para tua recordação.
Em mim nada achaás,
A não ser um esquele de vida,
Carregando compassadamente
Uma saudade morta pela solidão.

Luiz Affonso Sarmento

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 20 de novembro de 1928.

É filho de D. Zulfa Castilho de Andrade Sarmento e do coronel Affonso Emílio Sarmento, atual comandante do Forte de Copacabana.

Iniciou seus estudos primários na Escola Bárbara Ottoni, concluindo-os na Escola General Trompowsky. Fez o curso clássico no Colégio Melo e Souza, sendo, atualmente, aluno da Faculdade Nacional de Direito.

Seu primeiro trabalho literário, uma série de poemas em prosa, foi publicado, com o título de "Estudos Impressionistas", no ano de 1946, em "Letras e Artes", o suplemento dominical de "A Manhã". Colaborou ali com mais algumas produções, assim como no suplemento literário de "O Jornal".

"Quadros Noturnos", seu livro de estreia, constando de treze poemas, deverá ser publicado ainda este ano.

*Sou um inverno infundível,
Mesmo para tua recordação.
Em mim nada achaás,
A não ser um esquele de vida,
Carregando compassadamente
Uma saudade morta pela solidão.*

Luiz Affonso Sarmento

Autógrafo de Luiz Affonso Sarmento

UMA BIOGRAFIA DE RUY BARBOSA

Transcorre, o ano próximo, o centenário do nascimento de Ruy Barbosa. Uma das comemorações da gloriosa efeméride será a publicação de uma biografia do grande brasileiro, escrita pelo Sr. Mário de Lima Barbosa e editada pela IPE.

A VIDA DOS LIVROS

CARVALHO FILHO — *Faces Ocultas. Ilustrações de Osvaldo Goeldi.* Bahia, 1947. 262 páginas.

O último livro de poemas do sr. Carvalho Filho — José Luiz de Carvalho Filho, esclareçemos — apareceu em uma edição particular de dousentos exemplares, com formosas ilustrações de Osvaldo Goeldi.

O poeta pertence ao Grupo Arco e Flecha, de Carlos Cháchic, e já em 1934 nos dava a sua coleção de poemas — *Integro*. Ignoramos se havia nesse título mais do que uma intenção meramente poética, ou do que uma sugestão meramente filosófica, sob a influência, por exemplo, do pantheismo de Graciliano Aranha.

O sr. Carvalho Filho adotou os preceitos da poesia moderna, e seu verso é libertíno e solto. Como o de todos os modernos, seu pensamento é muita vez lúgubre, sua frase é, se analisada rigorosamente, desprovida de sentido. Veja-se, por exemplo, este trecho (canta ele os Tristes, que são os únicos que, nas multidões, os interessam): "os tristes sonhos de sonho levados na espessa torrente — os tristes ausentes da realidade que integravam" — e diz: "Esses os tristes a cuja passagem me climo de amor."

Mas, se a lógica verbal fica ali ferida, em compensação a poesia ganha já um elemento novo, que talvez seja, em última análise, a própria poesia: esse vago, esse impreciso, esse a me tom, essa emoção apenas esboçada, que um verbo com inadequado emprego deixou em nossa imaginação...

*

TAUNAY, Visconde de — *Memórias* — Instituto Progresso Editorial, S.A., São Paulo, 1948. 647 págs.

Apareceram afinal as *Memórias* do Visconde de Taunay, e essas páginas vieram projetar uma luz nova na figura por tantos títulos encantadora do autor de *Inocência*.

Filho de artistas, trazendo nas veias o sangue da pura aristocracia francesa, Taunay representou, em nosso país, um milagre de antecipação: mostrou-nos o que poderia vir a ser o brasileiro de tempos futuros, quando formos um país de civilização requintada, de cultura literária, artística e filosófica real. Ele está, por esse aspecto e por tantos outros, na mesma linha de um Joaquim Nabuco (que com ele teve em comum as qualidades espirituais e as físicas) e de um Machado de Assis, que embora mestizo, fisicamente, raquítico e feio, foi, no terreno espiritual, a vertiginosa, deslumbrante anunciação de um brasileiro perfeito, que, ai de nós, talvez jamais chegue a existir. Não admira, pois, que Taunay se tenha visto, em certo momento de sua vida, tão atacado por Tobias Barreto. São atitudes lógicas e paralelas: Tobias Barreto ataca e derruba Taunay; Silvio Romero ataca e derruba Machado de Assis. E' o partido dos homens rudes, dos brasileiros que ainda ascendem à resina das florestas densas, levantando-as contra o partido dos homens sutis, aristocráticos, requintados.

As *Memórias* de Taunay são o mais claro índice da finura e da elegância espiritual do autor de *Inocência*. Suas confidências, ainda aquelas que ele julgaria mais audaciosas (as que o levariam a condenar as *Memórias* a um esquecimento de meio século) são prudentes e limpas, e podem ser mostradas à mais pura das moças. Começamos, aqui, longe das

auto-confissões tanta vez pejorativas de um Medeiros e Albuquerques ou de um Humberto de Campos, e até da malícia sem perdão de um Oliveira Lima!

Taunay mostra-nos, muita vez, splândidos que valem como sínteses psicológicas, sinteses que bastam para dar a chave de certas situações ou de certos dramas. Tôda a incompatibilidade de José de Alencar com D. Pedro II, por exemplo, é explicada pelo Visconde no relatar uma conversa que certo dia o grande romancista — então ministro — teve com o Imperador.

Poderemos dizer que há nas *Memórias* de Taunay a substância de várias crônicas. Há, por exemplo, a substância de uma crônica em que se descrevem certos desejos do corpo docente do Pedro II, no tempo em que Taunay ali estudou.

A principal dessas crônicas, porém, é aquela que se refere à luta com o Paraguai. Taunay nela tomou parte, esteve na retirada da Laguna, episódio que descreveu em página imorredera. Em suas *Memórias* refaz de a narrativa da guerra, e completa, de maneira mais viva e mais comovida, a narração tão dramática que já dera na *Retirada*.

Por outro lado, o livro das suas reminiscências vale, inestimavelmente, como um resumo de que era a vida das famílias aristocráticas no Brasil do século passado.

Mais do que tudo isso, porém, é o que achamos no livro de Taunay, agora editado como uma espécie de coroamento de tôda a obra do escritor: o que achamos nele é um claro e amplo panorama, no qual se desenvolve a mais bela das vidas, a vida de um homem que

foi um artista e que foi um herói.

*
MENDONÇA, Renato — *O declínio do Império e o ideal republicano no Brasil* — Porto, 1948.

No grupo de Estudos Brasileiros, no Porto, cidade em que é cônsul do Brasil, o sr. Renato Mendonça promoveu uma conferência acerca do Declínio do Império e do Ideal Republicano no Brasil.

O estudo, cremos, corresponde a uma síntese de longas e aterradoras meditações, pois o sr. Renato Mendonça há largos anos se vem especializando no conhecimento das temas principais da nossa história.

Nessa conferência encontramos mais uma vez referidos aqueles episódios do começo da República, nos quais a figura de Deodoro nos aparece como a própria imagem da Perplexidade, derrotando um regime sem o saber, mandando para o exílio um rei quando apenas quereria desmontar um ministério, proclamando a República somente porque essa era a vontade de Quintino Bocaiuva, de Rui Barbosa, e de mais um ou outro conspirador.

Esse momento da vida brasileira (com tantos outros, aliás) está, a nosso ver, a ser refletido. Em mais de uma referência de Rui Barbosa, deixadas ao longe de sua imensa obra jornalística, estamos vendo, seguramente, que o 15 de novembro não foi surpresa para muitos dos conspiradores. Eles sabiam nitidamente o que estavam tentando — e sabiam mal, como crescia o grande Ministro da Fazenda do Governo Provisório, qual seria a tremenda pena que os esperava, se o golpe visse a falhar.

Deodoro, a nosso ver, estava na mesma corrente de idéias — e fez a mudança do regime em plena consciência do que fazia. Não há razão para desdenharmos de sua argúcia e de seu espírito, até no ponto de o acreditarmos um instrumento tão fácil de manusear nas mãos de outrem.

A meditation do sr. Renato Mendonça serve para indicar-nos que há ainda muito a fazer, na reconstituição da linha dos fatos — e talvez principalmente na reconstituição da linha das idéias, — em tudo o que se refere ao movimento que deu a República. Será alguma coisa como a *História da Formação da República* de Charles Baudelaire.

Uma *baudelaireana* brasileira iria recolher trabalhos assinados por Olavo Bilac, Lindolfo Gomes, Batista Cerejeira, Félix Pacheco, Aurélio Buarque de Holanda, Eduardo Guimarães (que traduziu numerosas páginas das *Flores do Mal*, e tantas outras. A essa coleção vêm agora juntar-se a contribuição de Osório Dutra. Vão aqui duas das mais felizes traduções que Osório Dutra apresenta em seu *Livro Inconsútil*.

Spleen

Pluvioso, em furor contra a cidade inteira,
Lança, em vagas brutais, um frio tenebroso,
Sobre os que dormem já na terra hospitalícia,
Envolvendo, em seguida, o arrabalde brumoso.

Meu gato, pelo chão buscando uma lata,
Agita sem parar seu corpo escrofuloso;
A alma de um velho poeta era numa goela,
Tendo a voz sideral de um fantasma nervoso.

O bronze se lamenta, e o tijão, enfumado,
Acompanha, em falso, o resígo cidadão,
Enquanto, harpalhando as cartas e os círculos,

Herança que lhes vem das épocas passadas,
O valete de copas e a dama de espadas
Recordam tristemente os seus mortos amores.

A Gigante

No tempo em que este mundo, em peleja constante,
Nos dava, cada dia, um filhão monstroso,
Em terra vidião nos pés de uma gigante,
Tal, junto a uma rainha, os gatos voluptuosos.

Costaria de ver o corpo de tal dama,
Livre, desenvolver seus jogos perigosos,
Vindo, pelo amor, a sombra de uma flama
Ao neveiro que cerca os seus olhos ociosos;

Permanecer, à vontade, os seus belos contornos,
Saltar a inusitado de seus joelhos mortos
... depois, na verão, quando o sol por soll meios,

A estenderse, vencida, através da campainha,
Dormir, indiferente, à sombra das seuas seios,
Como um burgo tranquilo aos pés de uma montanha.

UM LIVRO FUNDAMENTAL

Uma Edição J.P.E.

pelo conhecimento
da nossa História

MEMÓRIAS DO VISCONDE DE TAUNAY

EM TODAS AS LIVRARIAS



O retrato de figuras primordiais da História do Brasil por um dos maiores historiadores do segundo império. Esse livro ficou guardado por cinquenta anos no cofre de sigilo do Instituto Histórico Brasileiro.

PEDIR PELO REEMBÓLSO POSTAL - CAIXA POSTAL 3321 - SÃO PAULO

A VIDA DOS LIVROS

MONTELO, José — *Problemas da Biblioteca Nacional* — Imprensa Nacional, Rio, 1948, 23 págs.

José Monteiro assumiu o seu cargo de diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 14 de junho do corrente ano. Pronunciou naquela ocasião um discurso em que deixou a longa e amarga meditação de amigo dos livros, de conhecedor profundo dos vastos e complexos problemas da nossa grande Biblioteca Nacional. É a criação pronunciada naquele momento que ele agora ensina em fascículo, e nos remete.

É de pessimismo, quase de desalento, o tom de José Monteiro, na oração em que ele se investe no nobre cargo que ocuparam Frei Camilo de Montserrat, Ramis Galvão, Paul Pompéia, Rodolfo Garcia, tantos brasileiros eruditos e gloriosos. Medite-se, por exemplo, aquela parte da oração em que o novo diretor da Biblioteca sumariou os problemas imediatos da nossa cidade dos livros. Vemos que ali existe uma seção importantíssima — a dos microfones — que não tem chefe nem funcionários. Vemos que a seção dos manuscritos, a de obras raras, a de publicações oficiais, — cada qual a de maior responsabilidade — só dispõem do chefe. E' só isso? Que esperançoso! A seção de iconografia foi durante meses, em 1947, só servida por um boy... Na divisão de catalogação — com livros que ultrapassam a casa de um milhão — está a trabalhar na confecção de fichas apenas uma das funcionárias. E' só isso? Prouve a Deus...

Há ainda as instalações precárias, onde chega a chuva, onde são destruídas preciosidades. E há as coleções de valor inapreciável que já foram desmembradas, vendidas não se sabe como.

Eis o quadro triste e desolador da vida atual da maior, da mais preciosa, da mais rica livraria brasileira. José Monteiro, com o ardor do seu entusiasmo, com o imenso amor que sente pela cultura, mostra-se disposto a enfrentar os numerosos problemas da Biblioteca Nacional. Para esse movimento — que sem exagero chamaríamos verdadeira cruzada cívica — convoca ele os eruditos, propondo soluções sábias e práticas.

É difícil saber se, em um país que dispõe da tremenda força de inércia que caracterizam o Brasil, os apelos do jovem diretor da Biblioteca Nacional lograriam ser ouvidos. O que sabemos, entretanto, é que certas soluções propostas por José Monteiro para a Biblioteca Nacional já têm sido aceitas e adotadas por grandes bibliotecas de países europeus, e com o mais brilhante êxito.

MONTEIRO, Jacy — Alma russa — Of. Gráficas do Jornal do Brasil — Rio, 947, 75 págs.

É uma coleção de poesias inspiradas em sentimentos elevados e puros. A poesia é jovem, e a sentimento ainda em procura dos verdadeiros caminhos de sua sensibilidade e de seu temperamento poético.

PAIVA, Cônego Jorge O'Grady — Verdade e Vida. Estudo bio-bibliográfico do Cônego Luís Monte. Rio, 1948, 354 págs.

Luís Monte, nascido em Portugal, viveu no Rio Grande do Norte, e ali deixou, de sua figura e de sua ação, uma grande, perdurable saude. O Cônego Jorge O'Grady de Paiva, que de porto o conheceu, evoca-lhe nestas páginas cheias de emoção, os traços mais eloquentes e impressivos.

SILVEIRA, Souza da — Algunhas fábulas de Pedro, acompanhadas de tradução literal, notas de entretenimento do português com o latim e Vocabulário, por Souza da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia. 3.ª edição, à qual se acrescentaram 10 fábulas traduzidas e anotadas pela Professora Maria Amélia de Pontes Vieira, da mesma Faculdade, Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora — 1948, 246 págs.

O Professor Souza da Silveira deu, há alguns anos, uma de suas obras magistrais — a tradução comentada de algumas fábulas de Pedro. O trabalho obteve o melhor acolhimento, por parte dos eruditos e dos simples estudantes de latim e de português, entrou em segunda edição, que logo também se esgotou. E agora surge-nos em sua terceira edição.

É um trabalho magistral, como o classificamos acima.

Elucidando as dúvidas e as incertezas que a cada passo apresenta o texto de Pedro,

Souza da Silveira vai-nos ensinando, ao mesmo tempo, o latim e o português. De sua leitura sai o estudo dos velhos clássicos cheio de novas aquisições de conhecimento. Mas como também se enriquece, com essa leitura que a todos os momentos nos põe diante dos olhos trechos e exemplos de Machado de Assis, de Gonçalves Dias, de Euclides da Cunha, de Raimundo Correia, o simples leitor que põe todas as suas aspirações no compilar os mestres dos nossos dias!

Registrando o aparecimento desta terceira edição de tão bela obra, não queremos deixar sem referência especial o nome da Professora Maria Amélia de Pontes Vieira, que teve a honra de colaborar na tradução e no estudo de Pedro com tão eminentes mestres. E' a professora Maria Amélia, assistente da Faculdade de Filosofia e dia a dia se vem afirmando um dos valores reais dos estudos clássicos em nosso país.

Prova-o agora o seu trabalho, apresentado sem desluster

ao lado do trabalho de Souza da Silveira.

*

TOVAR, Jair — No País dos Incas — prefácio de João Lira Filho — Rio, 1948, 330 páginas.

Como um dos diretores do Botafogo de Futebol e Regatas, teve o autor, em 1945, ocasião de fazer uma excursão ao Peru. Dali remeteu, a partir de 3 de janeiro de 1948, numerosas cartas à sua filha Maria Cecília, cartas nas quais relatou as impressões pitorescas ou misteriosas que lhe ia despertando a viagem. E' este o material literário com que ficou organizado o volume atual, ao qual foi dado o título de — *No País dos Incas*. E' um livro de simplicidade e de boa vontade, no qual faltaria, contudo, uma dose de malícia, para podermos colocar o sr. Jair Tovar na categoria dos viajantes sentimentais, cujo modus dezenas Sterns.

*

LIVROS RECEBIDOS:
BRITO, Laurindo de — Palavras ao Mundo — Poesia —

S. Paulo, 1948, 147 páginas.
Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — Publicação n.º 96. Imprensa Nacional, Rio, 1948, 34 págs.

CHOSTAKOWSKY, Piatro — História da Literatura Russa — Instituto Progresso Industrial, S. Paulo, 1948, 379 páginas.

MACHADO, Othon Xavier de Brito — Os Carajás (Amazonas) — Publicação n.º 104, anexo n.º 7 — Conselho Nacional de Proteção aos Índios (Ministério da Agricultura) — Imprensa Nacional, 1947, 128 págs.
— Esta monografia obteve o Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.

MACHADO, Othon Xavier de Brito — Zoologia. Exponibilhos (Pórticos) — Publicação — 1947, 4 págs.; Ed. 7808 n.º 102, Anexo n.º 5 — Conselho Nacional de Proteção aos Índios (Ministério da Agricultura), Imprensa Nacional, Rio — 1947, 4 págs.

Eficiência Pessoal é a base de todo o progresso



Um curso prático e indispensável para homens e mulheres em todas as idades e posições.

RELAÇÃO DOS VOLUMES

- Volume 1 — Como manter a saúde • vigor.
- Volume 2 — Eficiência mental.
- Volume 3 — A personalidade de homem eficiente.
- Volume 4 — Seja mestre em seu ofício.
- Volume 5 — Técnica dos negócios.
- Volume 6 — A técnica de vender e sua aplicação.
- Volume 7 — Independência econômica.
- Volume 8 — Nossos valores sociais.
- Volume 9 — Aproveite suas horas vagas.
- Volume 10 — A arte de viver.

Qualquer que seja a sua situação, procure melhorá-la adquirindo já esta coleção.

ENCYCLOPÉDIA DE EFICIÊNCIA PESSOAL

W. M. Jackson, Inc. oferecem ao público esta nova e sensacional coleção. Trata-se de um conjunto de livros preciosos, cada um dos quais tratando de assunto diferente, e destinados a tornar cada pessoa que os ler — homem ou mulher — em um verdadeiro triunfador. A eficiência pessoal é uma reunião de conhecimentos, qualidades e experiências, tanto uma como outras fáceis de adquirir, que entretanto transformam radicalmente a vida e o destino dos indivíduos, tirando-os da mediocridade e abrindo-lhes as portas do sucesso. O empregado que adquire eficiência pessoal dá à sua carreira um impulso vertical, o comerciante e o industrial ganham capacidade de iniciativa, o que os leva para diante em seus empreendimentos. O médico, o advogado, o operário, o professor — enfim, todos, homens ou mulheres — podem brilhar e vencer, saindo da obscuridade. Eis por que a "Encyclopédia de Eficiência Pessoal" é uma coleção indispensável — a mais preciosa das coleções, pois ensina a todos o que é e como aproveitar a eficiência pessoal.

W. M. JACKSON, INC.

EDITÓRIES

RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
R. 21 David, 140 (loja) 2.500 (loja)	R. São Bento, 250 (loja)	R. Endrót, 99 (loja)
Fone 42-3671	Fone 2.2440	Fone 3.736
Caixa Postal 160	Caixa Postal 2.501	Caixa Postal 475

W. M. Jackson, Inc. - Caixa Postal, 360-Rio de Janeiro
Quem enviar-me, "Grátis" e sem compromisso algum, o folheto relativo à "Encyclopédia de Eficiência Pessoal"

Nome:
Profissão:
Endereço:
Cidade: Estado:

HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL: JOÃO FRANCISCO LISBOA

Notícia sobre João Francisco Lisboa

João Francisco Lisboa nasceu em Pirapemas, cidadezinha maranhense do sudeste do Iapicá, em 22 de março de 1812. Era o primogênito de João Francisco de Melo Lisboa e de Gertudis Rita Gonçalves Nima.

Muito cedo, foi levado para S. Luiz, e ali aprendeu as primeiras letras. Pertendo o pai, porém, foi, com a mãe viúva, para uma fazenda do interior. Aos quinze anos, voltava à capital maranhense para trabalhar no comércio, e se fazia caixero da casa comercial de Francisco Marques Rodrigues. Ali permaneceu apenas por dois anos. Deixou a casa comercial em que era caixero, e foi estudar humanidades. Teve então como mestre Sotero dos Reis, e diz Pedro Lessa: "Tão aproveitado foi o discípulo, que logo depois entrou a emular com o mestre, proporcionando ao bem formado coração deste motivo de muito contentamento e de justa orgulho".

Em 23 de agosto de 1832, chegou Lisboa a exibir os primeiros de seu genial talento de jornalista. Suspensa a circulação do *Farol Maranhense* — jornal que tinha no norte do país, uma importância equivalente à que possuía no sul a *Aurora Pernambucana*, de Evandro da Veiga — João Francisco Lisboa fundava o seu primeiro diário — *O Brasileiro*. Pouco tempo depois falecia Moraes e Silva, o ardigo e vibrante diretor do *Farol Maranhense*. Essa circunstância determinou Lisboa a abandonar o seu *O Brasileiro*, passando então a dirigir a folha cujo título já se tornara famoso e ilustre. A frente do *Farol* esteve somente dois anos. Em junho de 1834 o deixava, e fundava o *Eco do Norte*. A tata dessa folha ficou até novembro de 1838.

Internou, nesse momento, sua carreira jornalística, para aceitar um cargo público, o de secretário de Antônio Pedro da Costa Ferreira, barão de Pindebar. Foi eleito, em duas legislaturas, para a Câmara da Província, como representante do Partido Liberal. Na Câmara sua preocupação assidua consistiu em debater os assuntos de instrução pública.

Era Lisboa secretário do governo quando ocorreu o assassinato do chefe do Partido Liberal, Raimundo Teixeira Mendes. Como o presidente da Província não parecesse disposto a tomar as medidas que eram necessárias para a punição do criminoso, Lisboa pediu demissão do seu cargo, e regressou ao jornalismo. Em ja-

neiro de 1838 este de novo na Ilha, dirigindo a *Crônica Maranhense*. Há divergências sobre a data do aparecimento dessa folha. A Academia Maranhense de Letras fixou-lhe a data de 1º de janeiro, e nesse dia, em 1818, fez numa praça pública de S. Luiz a inauguração da estátua de Lisboa. Arthur Mota aceitou essa data. Henrique Leal, porém, indica a data de 2 de janeiro, e nisso foi seguido por Pedro Lessa.

Não tardou a interromper no Maranhão o movimento cristão Batista, dirigido que era por um homem de infusa conduta, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira Balavo. Lisboa foi dada como um dos elementos ligados ao cruel movimento. Era uma evidente e terrível injustiça, e a verdade é que poucos escritores, poucos jornalistas tiveram a bravura e a segurança que teve Lisboa, no comentar os fatos delituosos que se verificavam, no apontar a execração pública os criminosos que infelicitavam a província do Maranhão.

Em 1849 apresenta-se Lisboa candidato a uma cadeira de deputado à Câmara Provincial. Logo desiste da candidatura, enjoados com os manejos que surpreendem em torno dela. Decide retornar para a vida particular, dedicando-se a suas trabalhos literários e aos seus trabalhos jurídicos. Torna-se jurisconsulto respeitável, e mantém colaboração no *Forum*.

Em 43 regressou à imprensa, fundando o *PUBLICADOR MARANHENSE*. Mantém ali uma seção sob o pseudônimo de Zumbi, e ao mesmo tempo publica, no *Eco do Norte*, os *RETRATOS*. Dedicava-se a folhetim e faz crônicas deliciosas sobre figuras e costumes locais, como aquelas em que descreve as festas religiosas ou o teatro de S. Luiz.

Em 47 recusa uma indicação que lhe é oferecida para deputado geral. No ano seguinte, porém, aceita a indicação para deputado provincial e pronuncia na Câmara um discurso que se tornou um dos trabalhos mais famosos do seu gênero, na literatura brasileira — o discurso sobre *Anísia*.

Sobreveniu novo período de retiro, e é então que Lisboa — que tem estudado profundamente o fenômeno da escravidão e é conhecidamente um abolicionista convicto — decide escrever um romance de combate à negrada instituição. Tinha já o romance delineado.

(Continua na 109ª pág.)

Bibliografia de João Francisco Lisboa

- *Jornal de Timon* — Começou a aparecer em 1832; e a princípio era dado mensalmente, em 80s, de 100 páginas. A partir de 1835 passou a sair em volumes de 400 páginas, sem data certa. Em 1835, salvo o escritor de São Luiz interrompeu o *Jornal de Timon*. Indo para Lisboa, porém, ali voltou a praticá-lo. Saíram 12 números, e figuram todos nas *Obras Completas* do escritor.
 - *Apontamentos: notícias e observações para servirem à história do Maranhão* — Lisboa, 1838. 498 págs. Contém os ns. 11 e 12 do *Jornal de Timon*.
 - *Biografia de Manoel Odorico Mendes*, Revista Contemporânea, t. 1, 4º (Outubro, 1862).
 - Projeto apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Maranhão, pedindo a S.M. o Imperador anistia geral para os nossos irmãos pernambucanos. *Discussão à tribuna e à imprensa*. Etc. Rio, 1860. 24 páginas in 4º.
 - *Vinte e seis cartas ao Sr. F. A. de Varnhagen desde 9 de maio de 1850 até 30 de julho de 1857*. Foram publicadas pelo próprio Varnhagen no livro *Os Indianos brancos e o Sr. Lisboa, Timor*, 3º.
 - *Obras completas* de João Francisco Lisboa, precedidas de uma notícia biográfica pelo dr. Antônio Henriques Leal. Editores e revisores Luís Carlos Pereira de Castro e o dr. Antônio Henriques Leal. Tip. de Belarmino de Mariano, 1864-1865. 4 Tomos in 8º de CCIII — 548 págs.; 517 págs. e 1 de erratas; 575 págs. e 3 de erratas; e 761 págs. e 2 de erratas. O tom 1 traz o retrato do autor e uma sua carta (*fac-simile litográfico*).
 - O tom 1º — encerra o estudo biográfico e crítico de Antônio Henriques Leal; *Jornal de Timon* abrangendo "Eleições da antiguidade"; "Partidos e Eleições no Maranhão"; ns. 1 a 4; o tom 2º contém "Apontamentos para a História de Timon" (ns. 5 a 10) — Apontamentos para a História de Timon" (ns. 11 e 12) — ainda Apontamentos para a História do Maranhão.
 - O tom 4º contém: "A vida do Padre Antônio Vieira"; "Biografia de Manoel Odorico Mendes"; "A festa de N.S. dos Remédios"; "Testamento de S. Luiz"; "Discurso sobre a anistia aos pernambucanos revoltosos"; "A festa dos mortos ou a procissão dos ossos"; "A questão do Frata"; — "Notas".
 - A segunda edição é portuguesa, em 2 vols., de 480 a 663 págs., com uma notícia de Antônio Henriques Leal e um apêndice de F. Sotero dos Reis, com o mesmo conteúdo — Lisboa, Tip. Marco Moreira & Pinheiro, 1861.
 - *Obras escolhidas — Seleção e Prefácio de Otávio Tarquínio de Souza* — Americo Edit. — Rio, 1946.
 - *A Vida do Padre Antônio Vieira*. Vem no 4º volume das *Obras Completas* (págs. 8 a 488).
 - 2ª edição — *Vida do Padre Antônio Vieira*. Obra póstuma de João Francisco Lisboa.
 - 3ª edição — seguindo o programa para os exames de preparatórios. Rio de Janeiro, Seixalim José Alves, 1874. 574 páginas.
 - *A vida do Padre Antônio Vieira* (obra póstuma) — 5ª ed. de 388 págs. — Rio, B.L. Garnder, 1891.
 - ATIVIDADE JOURNALÍSTICA
 - João Francisco Lisboa fundou ou dirigiu os seguintes jornais:
 - *O Brasileiro*. Periódico político, hebdomadário. Maranhão, 1832. Começou a sair a 22 de agosto, e saiu até novembro. Nesse mesmo ano, tendo falecido seu cunhado José Cândido de Moraes e Silva, diretor do *Farol Maranhense*, fez
 - estudo de Luiz Carlos. — *João Francisco Lisboa*, de Silviano Romero e João Ribeiro. — *João Francisco Lisboa* (no Estado de São Paulo, 11-3-1918), de Oliveira Lima. — *João Lisboa em São Paulo*, de Artur Mota. — Bibliografia de João Francisco Lisboa, de Artur Mota. — *João Francisco Lisboa* na opinião de Ronald de Carvalho. — *João Lisboa* de Chichorro da Gama (A.C.) (Revista da Língua Portuguesa, n.º 24).
 - Fernão Neves — *A Academia Brasileira de Letras*, página 164.
 - Frederico Augusto Pereira de Moraes — *Diatribes contra o financeiro do jornal de Timon*, Lisboa, 1859. É um opúsculo, e salu com o pseudônimo de Erasmo. Elucida Inocência que o autor dessa Diatriba é genro de Varnhagen.
 - Frederico José Correia — *Um livro de crítica*, — Maranhão, 1878. 206 págs.
 - Henrique Perdigão — *Diácono Universal de Literatura*, pag. 277.
 - Homem de Melo — *Estudos Históricos*, pag. 142.
 - Inocêncio da Silva — *Diccionário Bibliográfico*, vols. 3, 10 e 11.
 - Joaquim Manoel de Maceió — *Revista do Instituto Histórico*, t. XXVI, pág. 924-927.
 - Joaquim Serra (ignoto) — 60 anos de jornalismo.
 - José Veríssimo — *História da Literatura Brasileira*, página 260; *Estudos da Literatura Brasileira*, vol. 2º (Estuda João Francisco Lisboa como moralista e político). — *João Lisboa em São Paulo* — Autores e Livros, vol. 6, pág. 43.
 - Luis Carlos — discurso ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras — *Discursos Acadêmicos*, vol. 8º.
 - Oliveira Lima — *Revista do Brasil*, vol. 7º, pág. 307.
 - Otávio Tarquínio de Souza — *Prefácio em Obras Escritoras*, Rio, 1946.
 - Pedro Lessa — *João Francisco Lisboa*. Conferência no Instituto Histórico. Encontra-se na Revista da instituição e na Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 10.
 - Peregrino Júnior — *Conferência na Academia Brasileira de Letras*. Revista da instituição (Anais de 1946).
 - Ronald de Carvalho — Pequena História da Literatura Brasileira, pág. 271.
- (Continua na 109ª pág.)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487

Única recebedora e distribuidora de açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior.

ARMAZÉNS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Escrítorio no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 — n.º 301
Em São Paulo: — Rua Álvares Furtado, n.º 180 — n.º 509

Sob a direção do ilustre e benemerito industrial pernambucano Sr. José Pessoa de Queiroz, a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco vem realizando um esforço digno da mais alta admiração em prol da indústria açucareira nordestina.

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Pessoa de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Wilfred Russel Shorto; Diretor-Secretário: Filinto de Miranda.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mário Monteiro.



Pequenas notícias literárias

**L O R E N Z O
F E R N A N D E Z**

Faleceu nesta cidade, no dia 27 do mês passado, o maestro Lourenço Fernandes. Contava 51 anos de idade, pois nascera em novembro de 1897. O falecimento ocorreu enquanto o maestro dormia. Na véspera, Lourenço Fernandes regava um concerto de obras suas, no Instituto de Música. Ao terminar, confessou a pessoa de sua família que não se sentia bem. Não atriuiu maior importância ao mal-estar que sentia, voltou a casa, deitou-se e adormeceu. Não acordou mais.

Seu sepultamento ocorreu no dia 28, no cemitério de São João Batista, com grande acompanhamento.

Artista de inspiração folclórica, Lorenzo Fernandes deixou uma ampla e esplêndida obra, na qual se destacam números como *Essa Nega Fala* (música para uma poesia de Jorge de Lima) e o expressivo e sensual *Bataque*.

FRANCISCO GALVÃO

Faleceu, no dia 26 de agosto passado, o escritor Francisco Galvão. Nasceu no Amazonas. Trabalhou na Imprensa, de Manaus, no Jornal do Comércio, na Notícia, na Napão, no Radiodifusão (tudo do Rio de Janeiro). Era advogado militante, procurador do Instituto dos Comerciantes, professor de Direito Civil da Escola Técnica de Serviço Social do Rio de Janeiro. Foi deputado estadual no Amazonas (1927 a 1930). Era autor dos seguintes livros: *Cíclode dos loucos* (Crônicas); *Benjamim Costalat e Micaelis Vitoria-Regia* — Poesias — 1922;

Terra de ninguém — Adersen Editores — Rio, 1934; *A Academia de Letras na intimidade* — Rio, 1937;

Erotico — Romance — Pongetti — Rio, 1938;

Lei de Proteção à Família (Direito) — Em colaboração com Segadas Viana.

Dirigentes do Estado Novo.

AFONSO DE TAUNAY

Visitou o Rio de Janeiro, a semana passada, o sr. Afonso de Taunay, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor aposentado do Museu Ipiranga, de São Paulo.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:	Anual	Semanal	Trimestral
Porte simples	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
Porte registrado	Cr\$ 120,00	Cr\$ 85,00	Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 47-3717

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e numeros/ atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):
 — Avenida Almirante Barroso n.º 72, 12.º andar — Fone: 22-9981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.
 — Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.
 — Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Parizas.
 Para numeros atrasados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

- Dr. José Maria Whitaker
- Dr. Erâncio Teixeira de Assunção
- Dr. J. C. de Macedo Soares

JOÃO NEVES DA FONTOURA

A fim de ir receber a Duquesa de La Rochefoucauld, que chegava no Brasil, esteve alguns dias em Pernambuco o sr. João Neves da Fontoura. Ao regressar, o ilustre Acadêmico pronunciou na Casa de Machado de Assis eloquente discurso, no qual leu largos louvores ao ambiente cultural de Pernambuco, pondo em destaque a obra de confrangimento e simpatia que o sr. Barbosa Lima Sobrinho, atual governador de Pernambuco, vem alli realizando.

ANTONIO AUSTREGESILO

Visitou Pernambuco, a convite do Governo do Estado, o sr. Antônio Austregesilo, médico eminentíssimo, membro da Academia Brasileira de Letras. O Prof. Austregesilo passou cerca de 15 dias na capital do seu Estado natal, e trouxe de lá uma impressão das mais exaltadas. Em discurso na Academia, declarou que o Recife só pode ser comparado, em beleza natural, com o Rio de Janeiro.

GANDAVO

A acrescentar às *Fontes de Pero Magalhães Gondavo* (29-8-948) — Joaquim da Silveira, Estudo publicado na Revista Brasília, vol. 2º, págs. 525-528.

PROXIMOS LANÇA- MENTOS DA IPÉ

A IPÉ, de S. Paulo, anuncia, para serem em breve lançados pelas suas oficinas os seguintes livros:

- *Moscou 1949*, de Kuehnelt Leddmann.
- *Ciume e Medicina*, de Michel Choromanski.
- *Cruzeiro sem Cruz*, de Arthur Koehler.
- *Tradicionais Populares*, de Amadeu Amaral.
- *História da Literatura Italiana*, de Attilio Montiglano.
- *Trés Imperialistas em tuta*, de Italo Zimparelli.
- *História da França*, de Octave Aubry.
- *História da Literatura Norteamericana*, de T. H. Dickinson.
- *Leviatid*, de Julian Green.
- *Os Indiferentes*, de Alberto Moravia.

PADRE LEONEL FRANCA

Faleceu no dia 3 do corrente o Padre Leonel Franca, um dos grandes marcos da cultura filosófica, religiosa e didática do nosso país.

Nasceu no Rio Grande do Sul e fez os seus estudos na Companhia de Jesus. Cursou a Universidade Gregoriana de Roma. Foi reitor das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, e pertenceu ao Conselho Nacional de Educação, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Fundou e dirigiu a revista *Verbum*, Órgão das Faculdades Católicas do Brasil.

Em 1947 obteve o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (concedido de outra).

Escreveu:

- *Apontamentos de química geral* — Livraria Drummond Rio — 1919 — 8.ª edição — Pimenta de Melo — 1935.
- *Noções de História da Filosofia* — ed. Livraria Drummond Rio, 1922. 7.ª edição — Pimenta de Melo — 1940.
- *Reliquias de uma polémica* — Companhia Editora Nacional — 1943.
- *A Igreja, a Reforma e a Civilização* — Rio, Civilização Brasileira, 4.ª edição, 1926.
- *De Kirk, a Hermetismo em Cultura*, Foreholt, Voorhout, 1936 — tradução holandesa d' *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, pelo Dr. J. Bouwker.

DICIONARIO DO PADRE MAGNE

Está a sair ainda este ano o Dicionário Medieval e Clássico da Língua Portuguesa, a importante obra que o Padre Augusto Magne vem há anos elaborando para o Instituto do Livro.

O obra constará de 8 ou 10 volumes, e tem a colaboração de um grupo de reputados e ilustres professores.

O 1.º volume (que é o que se encontra próximo a sair) abrangeá os verbetes da letra A, até o vocábulo *Azeliefa*.

ACHEGA AO N.º 5 DE AUTORES E LIVROS

Acrescente-se à Bibliografia de Gabriel Soares de Souza:

— *Notícias do Brasil*. Introdução, comentários e notas pelo professor Frájria da Silva. Biblioteca Histórica Brasileira, n.º XVI. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1.º tomo, 352 págs. 2.º tomo, 356 págs., ilustrada.

— *Obra Completa de Duquesa de La Rochefoucauld*

Visitou o Rio de Janeiro, a convite dos Diários Associados, a escritora e jornalista francesa Duquesa de La Rochefoucauld.

A ilustre dama foi muito homenageada pelos meios intelectuais brasileiros.

FERNANDO NERY

Faleceu na noite de 30 de agosto Fernando Nery, diretor aposentado da Secretaria da Academia Brasileira de Letras.

Nasceu, nesta cidade, a 13 de Junho de 1885. Era um erudito de real valor, conhecendo como raros os mistérios da língua portuguesa.

Admirador exaltado dos clássicos, dera uma excelente edição dos *Apólogos Diálogos*, de Dom Francisco Manuel de Melo. Coube-lhe contribuir com achegas preciosas para a Revista da Academia Brasileira de Letras, que, no tempo em que Nery para ela trabalhou, atingiu a um alto teor literário.

Coube-lhe, também (ajudado por Luís Miguel Ferreira), a tarefa da organização das obras completas de Machado de Assis, para a Editora Jackson. Entre os seus trabalhos destacam-se os seguintes:

— *Licões de Direito Crim. na 1910*; 3.ª edição com prefácio de Afrânio Peixoto — Editora Guanabara — Rio — 1933;

— *Apologia de Diálogos* — 1937.

— Dom Francisco Manoel de Melo — *Apologos dialogais* —

ACHEGAS A BIBLIO- GRAFIA DE BENTO TEIXEIRA

Recebemos de um leitor benévolo, que se assina com as iniciais M. D. J., a seguinte informação:

Da bibliografia de Bento Teixeira, divulgada à pág. 70 de "Autores e Livros", n.º 6, vol. IX, não consta a redação da "Prosopopeia", feita na Revista de História de Pernambuco, nº 1, ano I, Ribeirão, agosto de 1927. Todo o número dessa Revista, dedicada à divulgação dos trabalhos de Pereira da Costa, e dedicado ao poema de Bento Teixeira, divulgando-o e também o soneto "Per Ecoss".

Igualmente, se encontram na mesma Revista dois estudos sobre Bento Teixeira, um de Gilberto Freyre — "Acéres da Prosopopeia", com o seguinte subtítulo: "Nota crítica que especialmente para esta edição escreveu Gilberto Freyre"; e um de Pereira da Costa — "Bento Teixeira Pinto e a Prosopopeia — estudo biobibliográfico de Pereira da Costa".

Trata-se só apêndice de uma redação da "Prosopopeia", mas igualmente de duas fontes de estudo sobre Bento Teixeira e seu Poema.

POESIAS COMPLETAS RAIMUNDO CORRÊA

Dos prelos da Companhia Editora Nacional deverão sair, ainda este ano, as *Poemas Completas*, de Raimundo Corrêa. Trata-se de uma edição organizada, prefaciada e anotada por Mário Leão.

Segundo o plano adotado, as obras poéticas de Raimundo Corrêa ficavam distribuídas em dois volumes: o primeiro abrangendo as cento e poucas produções que o próprio Raimundo selecionou, ou dar as suas *Poemas em Portugal* (1898); o segundo, formado dos *Primeros Sonhos*, das produções que nas coletâneas de *Sinfonias, Versos e Versões o Alegria*, o poeta não incluiu nas *Poetas*, e de vários trabalhos esparsos, coligidos aqui e ali pelo organizador.

A edição faz o registro de todas as variantes dos versos de Raimundo Corrêa — variantes muitas vezes até de sinais de pontuação.

Este registro está destinado, naturalmente, a despistar o interesse dos leitores, sabido como as obras de Raimundo Corrêa se acham há longos anos esgotadas.

Entre as traduções que deixou, citaremos as seguintes:

— P. Ostrowski — *Recordações da Casa dos Mortos*, com estudo biográfico do autor, 1917.

— P. Bourget, *Lazarine*, 1917.

— O sentimento da Morte, 1917.

— O demônio do meio dia, 2 vols., 1924.

— Amizade Amorosa, 1923.

— 2.ª edição 1926; com prefácio de Afrânio Peixoto.

— Publicações da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1949.

Este livro foi retirado de circulação por determinação da Academia.

Entre as traduções que deixou, citaremos as seguintes:

— P. Ostrowski — *Recordações da Casa dos Mortos*, com estudo biográfico do autor, 1917.

— P. Bourget, *Lazarine*, 1917.

— O sentimento da Morte, 1917.

— Cristianismo e Comunismo (Sur la Pierre Blanche), 1924.

— Anatole France, *O Procurador da Judéia*, Baltazar, Crainville, 1928.

— Cristianismo e Comunismo (Sur la Pierre Blanche), 1924.

— O Conde Morris, Autores e Livros, vol. 1º.

BRASILIO MACHADO

Transcorreu, no dia 4, o aniversário do nascimento de um grande brasileiro: Brasílio Machado, glória legítima do espírito nacional, vera expressão do saber jurídico, do gênio oratório em nosso País.

Brasílio Augusto Machado de Oliveira — que faleceu em seu nome civil — nasceu em São Paulo, em 4 de setembro de 1846, e era filho do Brigadier José Joaquim Machado de Oliveira e da D. Virgínia Augusta de Barros.

Criou, foi matriculado no Colégio Júlio, mas dalli saiu devido a sua entubilidade e desentendimento excessivo (como dizia seu pai, em carta a um amigo).

Foi então — em 1859 — para o Seminário de D. Antônio Joaquim de Melo. Faz os preparatórios no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, e em 1863 estava matriculado no curso jurídico.

Formado, obteve a promotoria de Constituição — que era aquela tempo a denominação de Piracicaba. Em 1876 resolvia disputar o título de doutor em direito. Apresentou, então, uma tese submetida ao título: *Nas ações executivas tem lugar a suspeição do Juiz?*

Obtida a aprovação (a nota foi simplesmente), regressou à Piracicaba. Logo depois era removido para Casa Branca.

Abandonou, entretanto, o cargo para se dedicar exclusivamente à advocacia e às atividades políticas.

Em 1879, achava-se residindo em S. Paulo. Poi, então, nomeado Inspector do Tesouro; logo depois (1881) era nomeado



Brasílio Machado

Secretário da Relação. Foi neste momento que também recebeu uma nomeação para Lente de Retórica e Poética do Curso Anexo à Faculdade de

Direito; recusou essa nomeação.

Candidato a Deputado Geral pelo novo distrito, fracassou. Resolven, então, entrar para

o magistério superior. Inscreveu-se em um concurso em 1882, tendo como adversários Dino Bueno, Lopes dos Anjos, João Manuel Carlos de Gusmão e João Mendes de Almeida Júnior. Preparou sua dissertação acerca do tema: *E Hebe o divórcio?* Foi classificado em 2º lugar, tendo Dino Bueno sido nomeado, em virtude de sua classificação em primeiro lugar.

Abre-se, imediatamente, outro concurso. Brasílio Machado apresentou-se de novo, tanto de novo, como concorrente Lopes dos Anjos, Teófilo Dias e Brasílio Rodrigues dos Anjos. Foi classificado em primeiro lugar e recebeu a investidura de mestre em 30 de junho de 1883.

Em 1884 — agosto — foi nomeado Presidente da Província de Paraná. Ali ficou durante um ano exato, regressando a sua atividade de Professor.

Em 1886, era nomeado Leitor catedrático de Direito Natural, exercendo sua cadeira pelo espaço de 30 anos e sempre sendo considerado uma das figuras máximas do tradicional Instituto de ensino jurídico em que tinha assento.

Em 1910, em recompensa dos longos e valiosos serviços prestados à causa da Igreja, recebeu do Papa Pio X o título de Barão. Em 1911 deixou a Paracatu, vindo assumir, no Rio, a presidência do Conselho Superior do Ensino, que acabava de ser criado pela reforma Rivadavia. Nessa comissão trabalhou arduamente, até que, sentindo-se em precárias con-

dições de saúde, deliberou regressar a São Paulo. Ali, em 5 de março de 1918, ocorreu o seu falecimento.

Jornalista durante toda a vida, trabalhou Bradão nos seguintes órgãos: "Imprensa Acadêmica" e "Correio Paulistano" (sem tempo de estudante); "O Piracicaba", em 1876 (foi fundador sua); e "Ipiranga", a "Tribuna Liberal" e "Ordem", o "Diário Popular" e o "Comércio de São Paulo". Ficou a revista "Santa Cruz", a cuja frente se conservou por longos anos. Dirigiu "A Constituinte" (1879), "Diário da Manhã" (1881), "São Paulo" (1901).

Brasílio Machado é pai do escritor José de Alcantara Machado, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, e avô de Antônio de Alcantara Machado.

Raimundo de Menezes

A "Livraria Martins Editora", de S. Paulo, deverá lançar proximamente Escritores na intimidade, o novo livro de Raimundo de Menezes, autor de *A vida boêmia de Paula Nei e Emílio de Menezes, o último boêmio*, edições que mereceram a melhor aceitação do público, esgotando-se em poucos tempo.

O mesmo autor está escrevendo uma biografia completa, furtamente ilustrada, do poeta boêmio Guimarães Passos, a qual deverá em breve ser lançada.

3 SONETOS DE BILAC

A Lição

Ah! n'aquela manhã... — calma-te, meus sentidos! —
Pomes... Peno verão, Dezembro, Sol ardente.
Quis amá-la no campo; arranque-lhe os vestidos,
Pôs-a à moda paixão: não completamente.

E a floresta, que em cima, ao sol resplandecente,
Se entredava em festões humidos e floridos,
Palpita sobre nós quando envia, de repente,
Comerçar um rumor de beijos e gemidos.

Monto-lhe os seis uís... Canhão os passarinhos
Torço-lhe o corpo às minhas... Que barulho nas minhas!
Ela tremula, cerra, a pouco e pouco, o olhar...

Tudo o bosque delira. Um suspiro de gosa...
Depois, tudo em sono. O bosque, silencioso;
Meditava a lição: tinha aprendido a amar.

L. FLAMINIO

(A Rua, de Abril de 1889).

Deserto de Celo

Sei de frias regiões situadas perto
Dos polos, onde eterna dorine o gelo
Sem que um ralo, através o céu coberto
De nevoas, mande o sol para aquecer-l-o.

Nem estrelas, nem vida! Em tudo o solo
Da morte... Só, no inferno deserto,
O urso branco de pé, rigido e pélo.
Abismo ao longe o seu olhar incerto.

Tal minha alma — deserta em cuja face
Dormente, apenas ouve-se a inclinação
Voz do vento passar num largo choro...

Vejo-te o riso e a primavera usce.
Vejo-te o olhar e o sol, que nêle habita.
Os gelos funde com seus raios de ouro.

Eterna

Hão de viver aqui teus encontros dispersos.
Neste poema que é tu, — cofre do teu tesouro:
O seio de marfim! é cabuleiro de ouro!
O labirinto de coral! ficareis mesmos versos...

— Esse vivo luar que os teus olhos inunda:
O ritmo de teus pés pequeninos e brancos;

A curva sensual desses robustos flancos
De amante apaixonado e de mulher fecundada.

O alvo torso opulento, a cintura elegante,
O braço, a espadilha... toda essa curva ardente;

Nesta rinha de fogo esplendente, querida!

E, eterno como o Amor e como a Naividade,
Ficará neste canto, — crista da impureza! —

Deslizando a morte e desprezando a vida.

L. FLAMINIO

(A Rua, de 27-4-1889).

NOTICIA SOBRE JOÃO FRANCISCO LISBOA

BIBLIOGRAFIA...

(Conclusão da pág. 92.)

— Sacramento Blake — Di-
clatório, vol. 3º.

— Silvio Romero e João Ri-
bólio — Manual da História da
Literatura Brasileira, pág. 384.

— Varnhagen — Os Índios
brasileiros e o sr. Lisbon. Tívoli 3º.

— Viriato Correia — Discurso
na inauguração do monumento
a João Francisco Lisboa, em
São Luís. Saia na Pacotilha e
em outros jornais do Mar-
anhão.

Algumas fontes...

(Continuação da pág. 92)

Silviano Brasiliense — ns.

248 e 249, pág. 134.

— José Veríssimo — História
da Literatura Brasileira.

Perlé (Eduardo) — Litera-
tura brasileira nos tempos
coloniais, pág. 325.

— Ramiz Galvão — Catálogo
do Esp. de Hist. do Brasil.

Rodolfo Garcia — Introdu-
ção — edição de 1925.

— Silvio Romero — História da
Literatura Brasileira, vol. 1º.

— Tristão Alatriste — Estudos
1ª série — pág. 234.

— Varnhagen (F. A. de) —

Historia do Brasil — vol. I.

(Conclusão da 98ª pág.)

neade, quando leu a Cabana do
Pai Tomás, de Harriet Beecher Stowe. Achou que nesse

romance americano existia já

tudo o que a sua pena pudesse

contar ou descrever, e mode-
lamente desistiu de levar por

diante o seu propósito. Perdeu

com isso a literatura brasileira

algo da maior importância, pois

um romance da pena de João

Francisco Lisboa haveria de ser

alguma coisa de monumental.

Estamos em 1832, e é então

que Lisboa atinge o címpo de

sua carreira de homem de le-
tras, e vai brilhar no zêncito e

seu gênero. Referimo-nos ao

aparecimento do Jornal de Tí-
voli, cujo primeiro número

enterrava uma série de estudos

históricos sobre o Brasil. Nele

trata-se de tudo: da descobri-

mto e do mundo, dos

descobrimentos, das invasões

e das guerras, das

guerras civis, das

guerras entre os Estados

do Brasil, das

guerras entre os Estados